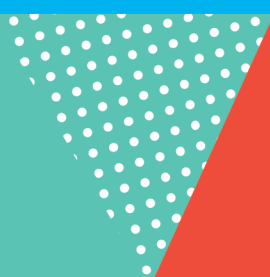


QUEER



20-28.09.2024



FEEL

US

Cinema São Jorge
Cinemateca Portuguesa

BOA



28

queerlisboa.pt



Queer Lisboa 28

Festival Internacional de Cinema Queer

Produção



Festival Apoiado por



Parceria Estratégica



Coprodução



Apoios à Programação



Patrocinadores



Patrocinadores de Prémios



Televisão Oficial



Rádio Oficial



Apoios



Restaurantes Parceiros



Parcerias Média



Apoio a Eventos



all-in^{global}
LANGUAGE SOLUTIONS YOU CAN BET ON

THE #1 LANGUAGE SERVICE PROVIDER FOR THE iGAMING INDUSTRY

LEARN MORE:

all-in.global
salesteam@all-in.global

FESTIVAL SCOPE
festivalscope.com

**DISCOVER
INDIE AND QUEER FILMS
FROM FESTIVALS
AROUND THE WORLD**

Queer Lisboa 28

Festival Internacional de Cinema Queer

- | | | | |
|----|---------------------------------|----|---------------------------------|
| 4 | Editorial “Do outro lado de cá” | 25 | Panorama |
| 6 | Júris Competição | 27 | Queer Focus: Resistência Queer |
| 8 | Noite de Abertura | 30 | Hard Night |
| 8 | Noite de Encerramento | 31 | Retrospectiva: William E. Jones |
| 9 | Sessões Especiais | 37 | Debates |
| 10 | Competição Longas-Metragens | 37 | Performances |
| 13 | Competição Documentários | 38 | Exposição |
| 16 | Competição Curtas-Metragens | 38 | Festas |
| 20 | Competição In My Shorts | 39 | Calendário de Sessões |
| 22 | Competição Queer Art | | |

Equipa Queer Lisboa

Diretor Artístico: João Ferreira

Programação: Constança Carvalho Homem, Cristian Rodríguez, Daniel Pinheiro, Hilda de Paulo, João Ferreira

Direção: Cristian Rodríguez, João Ferreira

Produção: Cristian Rodríguez, Daniel Pinheiro

Consultoria: António Fernando Cascais

Movimento de Cópias: Daniel Pinheiro

Hospitalidade: Cristian Rodríguez

Imprensa, Comunicação e Redes Sociais: André Picardo

Design Gráfico: Ivo Valadares

Website: João Pascoal Studio, After You

Tradução: Cristian Rodríguez, Daniel Pinheiro, João Ferreira

Tradução Legendagens: All-in Global, Ana Grilo, Ana Varela, Bernardo Castro, Cristina Sun, Eva Vasconcelos, Helena Nunes, Isabel Mendes, Nar Albuquerque de Moura, Pedro Cerdeira, Rita Carmo, Rita Neiva, Sara Ferreira, Vítor Pombo

Música Trailer: Pantha du Prince

Legendas: Associação IndieLisboa

Organizado por:

Associação Cultural Janela Indiscreta

Casa do Cinema

Rua da Rosa, 277, 2.º

1200-385 Lisboa

Tel.: + (351) 91 610 69 04

info@queerlisboa.pt

Cinema São Jorge

Avenida da Liberdade 175

1250-141 Lisboa

Tel. + (351) 213 103 400

Metro: Avenida

www.cinemasaojorge.pt

Bilhete inteiro: 4,50€ | com desconto: 3,50€*

Pack 5 bilhetes para 5 sessões diferentes pelo preço de 4: 18,00€ | com desconto: 14,00€*

*(Menores de 25 anos, maiores de 65 anos, funcionárias da Câmara Municipal de Lisboa e membros das Associações LGBTQI+, devidamente identificadas).

Debates: entrada gratuita, mediante levantamento de ingresso no próprio dia.

Sessão de curtas “Queer Resistance Shorts”: entrada gratuita, mediante levantamento de ingresso no próprio dia.

Performance La Carn: 5,00€ (preço único), bilhetes à venda à entrada do espetáculo.

Palestra-Performance Palavras que me Servem: 3,00€ (preço único).

Horário:

Diariamente, a partir das 13h e até ½ hora depois do início da última sessão.

Bilheteira online: Blueticket

Cinemateca Portuguesa

Rua Barata Salgueiro 39

1269-059 Lisboa

Tel. + (351) 213 596 200

Metro: Avenida

www.cinemateca.pt

Bilhete inteiro: 3,20€ | com desconto: 2,15€ (Estudantes, Cartão Jovem, maiores de 65, pensionistas); 1,35€ (Amigues da Cinemateca, estudantes de cinema, desempregades).

Horário: De segunda-feira a sábado: das 13h30 às 21h30

Bilheteira online: BOL

Do outro lado de cá

João Ferreira

Dizer que o Queer Lisboa conhece a sua 28.ª edição, neste ano de 2024, num contexto mundial particularmente desafiante, seria um eufemismo. A atual situação política global, e as suas consequências sociais e culturais, é um desastre há muito anunciado e um rastilho para um futuro próximo que dificilmente vislumbramos sem um manto de desesperança. Os grandes projetos humanistas pós-Segunda Grande Guerra, de promoção e garantia da paz mundial e de defesa dos direitos humanos, foram sendo sistematicamente rasgados pela mão de muitas das mesmas nações que os haviam firmado. É certo que nestes quase 80 anos foram demasiados os conflitos e os ataques a esses mesmos direitos humanos, mas foram também muitas as conquistas no sentido de construir uma sociedade que acreditaríamos, no século XXI, viesse a ser mais justa, mais empática, mais solidária. Seria de esperar que tivéssemos aprendido com os nossos muitos erros históricos. Pelo contrário.

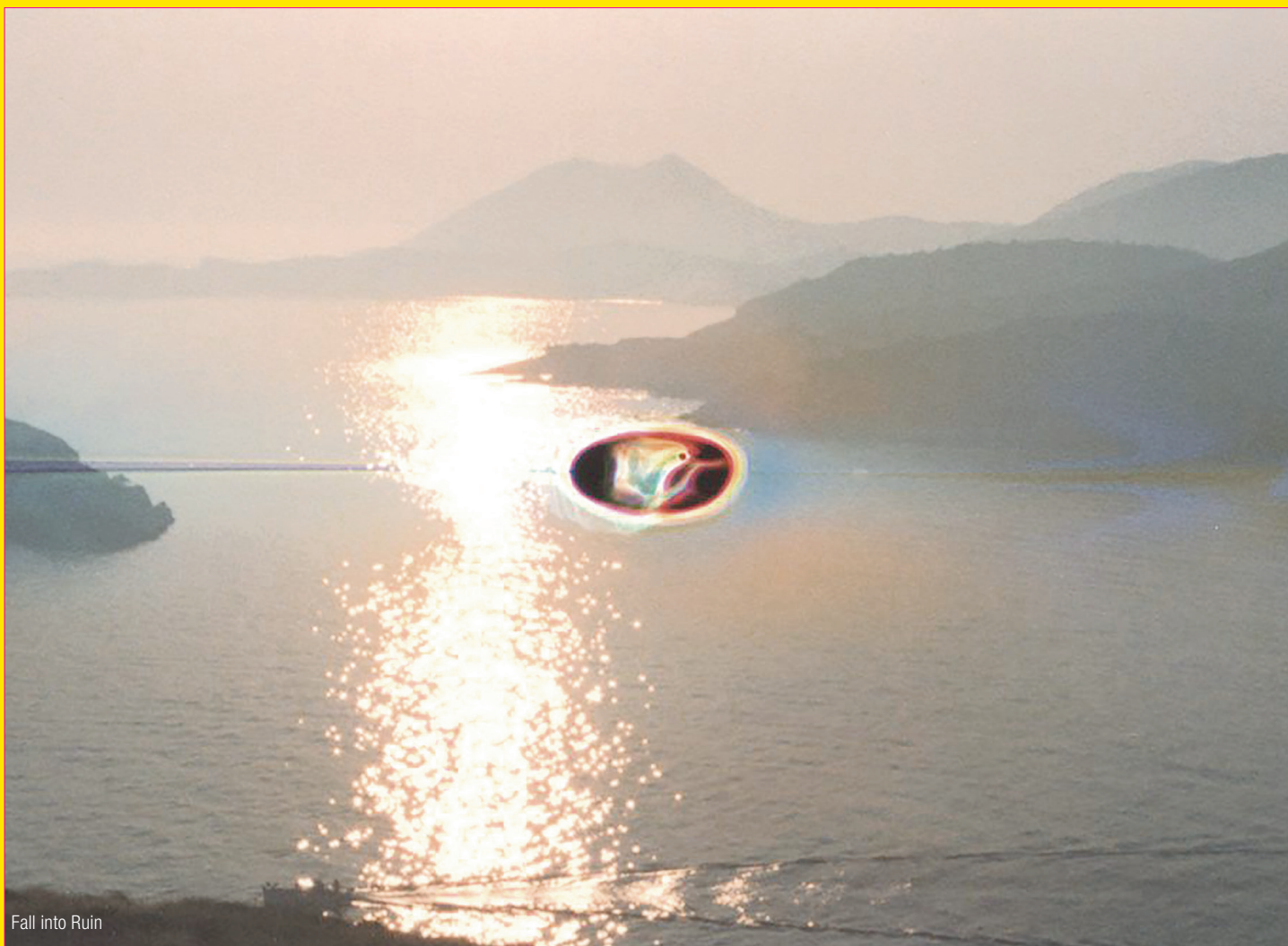
A ascensão das extremas-direitas e dos populismos numa sociedade onde o jornalismo foi substituído pelo comentário faccioso, onde o exercício político serve cada vez menos os cidadãos em detrimento da subserviência aos mercados e interesses instalados, tornando-se mero expediente dos mesmos, um sentido de comunidade e entreatura abalroado pelo individualismo narcísico da rede social sem rede. Estes são alguns dos muitos sintomas de um novo século que se vê agora a braços com a invasão da Ucrânia, o genocídio em Gaza, os inúmeros conflitos territoriais, as fronteiras físicas que são também mentais, a crise dos migrantes, e esse grande cemitério que é o Mediterrâneo enquanto a Europa assobia para o lado. Democracias que elegem novas ditaduras. Depois das grandes conquistas dos movimentos sociais iniciados nos anos 1960 e das contraculturas, palcos de construções utópicas

que fizeram crer num mundo melhor e mais justo, assistimos hoje às crescentes assimetrias sociais, LGBTQI+fobias, xenofobias, expressões de ódio disparadas em todas as frentes. Parece ser o século de todas as falências.

É este o contexto, eufemisticamente desafiante, que não podia deixar de ser o gatilho para a programação do Queer Lisboa 28. Foi a partir deste olhar ao mundo, em particular para algumas realidades europeias e do Médio Oriente, que pensámos um programa de Resistência Queer como o Queer Focus deste ano. Diferentes realidades e contextos de países como a Ucrânia, o Kosovo, a Palestina, a Hungria ou o Chipre, fazem-nos pensar na resistência, na força para além das capacidades físicas e mentais. Que força pode ter um sentido de comunidade perante o inconcebível e o desumano? Este programa é feito de um cinema de urgência, é um exercício empático que olha os dois lados das barricadas para além das políticas não raras vezes de morte que imperam em alguns destes territórios. É um olhar para o lado de lá que é também o lado de cá. E talvez o cinema de William E. Jones, do qual apresentamos este ano uma exaustiva retrospectiva, nos ajude a compreender essas construções utópicas do século findo, a partir desse olhar nostálgico e por vezes desesperançado do presente. Através dos muitos arquivos fotográficos e audiovisuais, imagens pobres, esquecidas e negligenciadas, Jones olha para a Guerra Fria, a propaganda estatal, a vigilância policial, o Bloco Soviético e sociedades comunistas, a pornografia pré-epidemia da sida e aquela outra que nasce no Leste Europeu com a entrada do capitalismo, para nos oferecer uma reflexão filosófica e sexual sobre arte, política e pornografia, que nos faz pensar que caminhos foram estes e como chegámos a este lugar que ocupamos hoje.



Simeiz



Apetece dizer que a vida continua. E os muitos filmes que habitam esta edição do festival propõem-nos um olhar complexo sobre as realidades das pessoas e comunidades LGBTQI+ nas mais diversas geografias, nos seus confrontos externos, mas também internos, no que é que significa ser-se queer, hoje, nas suas múltiplas expressões e desafios. Um cinema que gradualmente olha para fora, que abraça o que está à sua volta, que pensa e ousa desenhar soluções, sejam elas puramente pragmáticas ou igualmente necessárias utopias. Nas muitas propostas que apresentamos fora de competição, a crise dos migrantes está presente em ficções como *Drift*, de Anthony Chen, com o Mar Mediterrâneo ao fundo, ou no mais recente Bruce LaBruce, *The Visitor*, onde adivinhamos corpos que flutuam o Canal da Mancha dentro de uma mala. Também no Mediterrâneo e em contraponto, o cinema do francês Lazare Lazarus explora o EcoSexo como ferramenta de construção de uma comunidade que cuida e deseja. A forma como o turismo massificado e desregulado destruiu aquele outro ecossistema, o das nossas cidades, vai também ser aqui abordado, partindo do documentário *Éviction*, de Mathilde Capone. Outro debate vai confrontar essa “ideologia de género” inventada pelas direitas, outro sintoma destes tempos desregrados. E porque a cultura queer não vive sem os seus muito necessários ícones e referências, figuras-espelho da construção das nossas próprias identidades, também a nossa programação os celebra. Ator canadiano trans, Elliot Page coescreve e protagoniza *Close to You*, de Dominic Savage, num confronto com a família e o passado; Peaches, figura disruptiva na música e na vida, dá-nos essa lição de liberdade no documentário *Teaches of Peaches*, de Philipp Fussenegger e Judy Landkammer; ao passo que *Hidden Master: the Legacy of George*

Platt Lynes, de Sam Shahid é uma homenagem à obra do fotógrafo norte-americano, testemunha na primeira pessoa, com a sua lente, da cultura gay norte-americana dos anos 1930 aos 1950, e que nos revela um outro lado surpreendente do seu trabalho.

Vindo diretamente da Semana da Crítica da última edição do Festival de Cannes, as honras de abertura do festival cabem a *Baby*, onde Marcelo Caetano traça uma narrativa sobre o amor, a família e a perda, sob esse cenário de todas as margens que é o do Centro de São Paulo. A encerrar o festival, uma sublime surpresa, *Call Me Agnes*, de Daniel Donato, híbrido musical de realidade e ficção, à volta dessa figura magnética da vida real, Agnes, mulher trans de Timor-Leste emigrada na Holanda. Depressa tornado um filme sensação junto da Gen Z, apresentamos em Sessão Especial *I Saw the TV Glow*, de Jane Schoenbrun, um retrato desarmante e sensível de uma geração. E, chegado da última edição do Festival de Cinema de Locarno, uma das grandes surpresas deste ano: em versão restaurada, o clássico de 1983 do cinema brasileiro, *Onda Nova*, de José Antonio Garcia e Ícaro Martins, filme de emancipação sexual e manifesto de liberdade em plena Ditadura Militar no Brasil.

E no coração do Queer Lisboa 28, como não podia deixar de ser, entre longas e curtas-metragens, da ficção ao documentário, do experimental à animação, passando pelas muitas docuficções, estão os 56 filmes que enchem as cinco secções competitivas, perspectivas contemporâneas que ora parecem observar de longe, ora se atiram à frente e rasgam, ora refletem e procuram compreender, ora procuram a urgência de soluções. Em comum, são todas elas histórias sobre este tal lugar que ocupamos hoje. E talvez nos ajudem a pensar sobre o que fazer com este lugar.

Júri Longas-Metragens



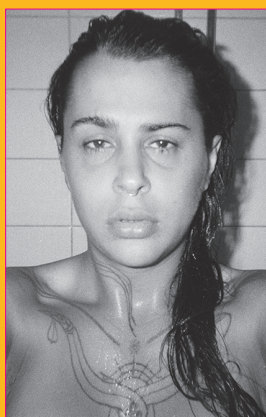
Cristina Carvalho

licenciou-se em Teatro-Educação (ESTC) em 1986, trabalha como atriz em teatro, cinema e televisão. Prémio Teatro Revelação-1989 e Interpretação Feminina-1993 (Jornal Sete). Dirige a estrutura teatral Causas Comuns desde 2011, onde cria espetáculos como *Uma Família Portuguesa*, apresentado em Turku, Capital Europeia da Cultura 2011 e *A Orelha de Deus*, Prémio Teatro Melhor Espetáculo 2010 - SPA. Docente em diversas escolas superiores. Cofundadora da companhia Escola de Mulheres (1995). Realizou o filme *Armários Vazios*, a partir de M. Judite de Carvalho, Ukbar Filmes/RTP (2022).



Márcio Laranjeira

“Sou dos subúrbios de uma pequena cidade no Norte. Criado pela minha mãe, numa classe onde o Cinema não chegou. Mas ela deixava-me lá, ao irmos à cidade. E com sacrifício, lá me deixou, chegado o momento. Fiz os meus filmes: sobre mães e filhos; ser gay, estar *Fora de Quadro*; a esperança quando *A Ilusão Permanece*; ser também *Uma Rapariga da Sua Idade*. Vou continuar a escrever a peça de teatro e o filme que estou a desenvolver, e não abandonar *O Prostituto Português* nem os alunos de Interpretação. E, agora, também pela minha mãe, vou estrear a minha *Casa-Abrigo*, levando-a onde o Cinema não chegou.”



Tita Maravilha

atriz, programadora, cantora, performer e palhaça, através da ideia de corpo político, traz nos seus processos artísticos as dores e delícias de ser um corpo dissidente. Graduada pela Universidade de Brasília em 2018. Brasileira, residente em Portugal desde 2018, onde desenvolve, juntamente com o artista CIGARRA, o projeto de música eletrónica e performance “TRYPAS-CORASSÃO”. Realizadora e curadora do Precárias: Festival de performance. Intérprete em *The Anger, The Fury*, de Sónia Baptista; *Mina*, de Carlota Lagido; ou *On Revelations and Muddy Becomings*, de Odete. Venceu a 5ª edição da Bolsa Amélia Rey Colaço, com o projeto *Es Tr3s Irmãs*.

Júri Documentários



Maria João Gama

é licenciada em Línguas e Literaturas Modernas/Variante Estudos Portugueses, pós-graduada em Ciências da Educação, com um Mestrado em Literaturas Africanas. Como realizadora e argumentista, elaborou diversos documentários para a RTP, tais como *Amália, Amá-la, Gostava de Vos Ver Aqui*, ou *Mariema, Uma Carreira*. Obras que oferecem uma visão única sobre figuras icónicas do panorama artístico e cultural português. Desde 1992 que se aventura diante das camaras como apresentadora, tendo conduzido dezenas de programas na RTP. Além da televisão, exerceu funções docentes e escreveu “O Universo Feminino em António Aurélio Gonçalves”.



Paula Monteiro

nasceu em 1989, mas demorou mais de 30 anos para se descobrir e conhecer, processo ainda a decorrer. Continua a fazer o seu caminho de (des)construção, que acredita que irá decorrer até ao fim da sua vida. É licenciada em Educação Social e ainda se questiona se será utópico acreditar num mundo mais justo e equitativo, onde se cumpram efetivamente os Direitos Humanos. Mulher queer e panssexual, utiliza cada vez mais frequentemente o termo lésbica para se nomear, como reivindicação política. Integra atualmente a Direção da Associação Clube Safo, mas começou a fazer ativismo em 2021 sem grande pretensão de ser chamada como tal.



Renata Ferraz

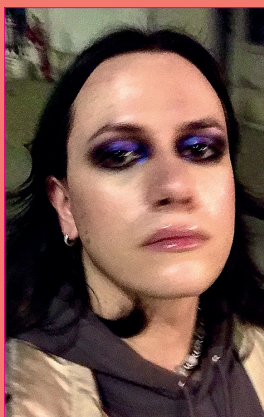
é cineasta-artista-investigadora. Após duas décadas de trabalho como atriz de teatro, deixou-se seduzir pela arte multimédia, pelo cinema e pelos estudos queer. Movendo-se entre mundos, hoje a sua atividade centra-se na investigação sobre criação partilhada em cinema (Labcom/UBI e CIEBA/Ulisboa) e na realização de filmes com narrativas e personagens não hegemónicas. Em vez de fazer filmes sobre pessoas está interessada em fazer com elas. Enquanto desenvolve o argumento do seu próximo filme, segue a trajetória da sua longa-metragem *Rua dos Anjos*.

Júri Curtas-Metragens



Diogo Camões

(Lisboa, 1984) estudou Realização de Cinema na Escola Superior de Teatro e Cinema, estagiou na Escuela de Cinematografía y del Audiovisual de la Comunidad de Madrid e foi bolseiro do Programa INOV-ART. Começa a sua atividade como assistente de casting em filmes como *Mistérios de Lisboa*, de Raoul Ruiz e *Night Train to Lisbon*, de Bille August. Como diretor de casting, destacam-se *Diamantino*, de Gabriel Abrantes e Daniel Schmidt, *Léguas*, de Filipa Reis e João Miller Guerra, *A Semente do Mal*, de Gabriel Abrantes, *On Falling*, de Laura Carreira. Atualmente, é diretor geral da Academia Portuguesa de Cinema, onde trabalha desde 2017, tendo sido responsável pela coordenação de inúmeras iniciativas, entre as quais duas parcerias com a Netflix focadas na inclusão de comunidades sub-representadas no cinema.



June João

(FKA João Abreu) trabalha (maioritariamente) como atriz e artista de performance. Entre o teatro, o cinema e as artes visuais, colabora em projetos de Teatro Praga; Pedro Penim; Tita Maravilha; Ontroerend Goed; João Polido; André Godinho; Ricardo Branco; Leonardo Mouramateus; Rita Barbosa; Alice dos Reis; Isadora Neves Marques; entre outros. Com a realizadora Tomás Paula Marques, cocria a performance-projeção *When We Dead Awaken*, apresentada no Batalha Centro de Cinema, e prepara-se para estrear uma longa-metragem que coescreveram. Notavelmente, é *hostess* do evento Karalhoke.



Madalena Fragoso

nasceu em Lisboa, em 1992. É realizadora e produtora e trabalha maioritariamente na área de produção de curtas e longas-metragens, tendo colaborado com realizadores como Mário Barroso, João Mário Grilo, Ivo Ferreira, João Vladimiro, Marta Mateus, Joana Cunha Ferreira, André Godinho, Flávio Gonçalves e Tatiana Ramos. Estreou a sua primeira longa-metragem, *A Casa e os Cães*, em 2019 e está neste momento a finalizar o seu próximo filme, *As Flores*. É fundadora e programadora da plataforma de exibição de cinema online NOVOCINE.

Júri Queer Art



Andreia C. Coutinho

é ilustradora e mediadora educativa. Licenciada em Pintura pela F.B.A.U.L e Master of the Arts em Ilustração pela Kingston University London. Autora da zine *Hair* (Sapata Press 2018) e colaboradora de vários projetos de publicação independente em Portugal. Membro da UNA - União Negra das Artes. Trabalha em museus desde 2010 com experiência em Portugal e no Reino Unido e colabora com vários projetos educativos de mediação em museus desde 2013. É um dos membros fundadores do coletivo de ativismo curatorial e cidadania ativa Colectivo FACA.



Jorge Braz Santos

nasceu em Lisboa em 1977, e estudou cinema na Escola Superior de Teatro e Cinema. Trabalhou a partir de 1999, principalmente como assistente de realização, montagem, diretor de casting, anotador, em filmes de Vítor Gonçalves (*A Vida Invisível*, também como coargumentista), João Pedro Rodrigues (*Odete*), João Salaviza (*Arena*), Catarina Ruivo (*Daqui Pra Frente*), Mário Barroso, Julião Sarmento, entre muitos outros.



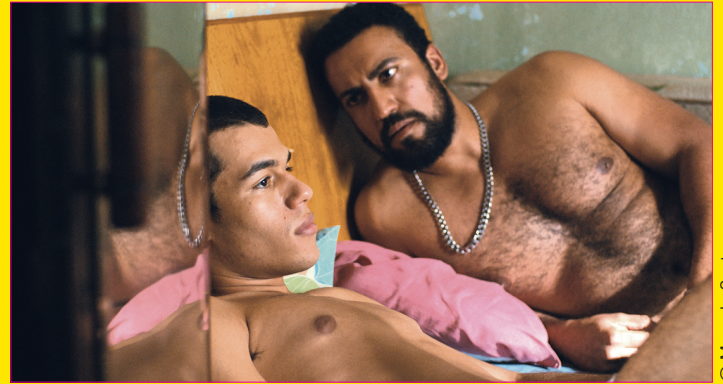
Pedro Gomes

nasceu em Moçambique em 1972 e vive e trabalha em Lisboa. MFA pelo Chelsea College of Art de Londres. Curso Avançado de Artes Plásticas no Centro de Arte e Comunicação Visual, Ar.Co, Lisboa. Bolsheiro da Fundação Calouste Gulbenkian. Expõe desde os anos noventa. O seu trabalho está representado em coleções públicas e privadas em Portugal e no estrangeiro, como o CAM - Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa; Coleção António Cachola, Elvas; Coleção EDP, Lisboa; MUDAS, Madeira; PLMJ, Lisboa.

Noite de Abertura

Baby

Ao ser libertado de um centro de detenção juvenil, Wellington (Baby), de 18 anos, vê-se só e à deriva nas ruas do Centro de São Paulo. Sem saber dos pais, e sem recursos para reconstruir a sua vida, Baby sabe que não quer ir para um abrigo, optando por dormir na rua. Os seus amigos do Centro desconhecem que esteve detido. Num cinema de *cruising*, conhece Ronaldo, um homem de 42 anos, que lhe dá novas ferramentas de sobrevivência, nomeadamente juntando-se a ele no trabalho sexual e tráfico de drogas. Gradualmente, nasce uma paixão entre os dois. Depois da sua estreia na longa-metragem, em 2017, com *Corpo Elétrico*, apresentado no Queer Lisboa, o realizador brasileiro Marcelo Caetano tem honras de abertura da edição deste ano com a sua segunda longa, *Baby*. Selecionado para a Semana da Crítica do Festival de Cannes de 2024, onde Ricardo Teodoro (Ronaldo) recebe o Prémio de Melhor Ator Revelação, *Baby* é uma sexy e vibrante incursão no submundo paulistano, ao mesmo tempo em que tece uma muito delicada e empática narrativa sobre o amor, a família e a perda. J.F.



© Marcelo Caetano



© Arthur Costa

Marcelo Caetano (Brasil, França, Países Baixos, 2024, 106')
Fic. VO portuguesa, leg. em inglês. M/16

Sexta-feira 20 setembro
Sala Manoel de Oliveira, 21h00

Sábado 21 setembro
Sala Manoel de Oliveira, 16h00

Noite de Encerramento

Call Me Agnes

Este filme combina documentário, ficção e elementos musicais para narrar a história de Agnes Geneva, uma mulher trans imigrante da Indonésia que vive nos Países Baixos. Partindo de seu cotidiano, que inclui jogar badminton com seus amigos *queer* e trabalhar em um restaurante que ela própria montou dentro de sua casa com sua melhor amiga Rini, Agnes vai ser confrontada certo dia com a chegada do seu irmão mais novo, Indra, que conviveu outrora apenas com a socialização masculina de Agnes antes de sua transição. Por uma ótica transfeminista, o conto musical de Agnes vai construir costuras e poetizá-las no cotidiano a partir de questões de gênero, pertencimento, amor, autoestima e espiritualidade, consolidando ora a complexidade que marca as formas de existir das próprias pessoas trans no interior do ordenamento cisgênero desse nosso mundo em ruínas, ora o desorbitar da dor na busca de novas formas de construir e habitar e, também, de usar a inventividade em outros imagináveis lugares onde a vida seja possível. H.P.



Daniel Donato (Países Baixos, 2024, 94') · Fic. VO indonésia, inglesa, holandesa e portuguesa, leg. em inglês e português. M/16

Sábado 28 setembro
Sala Manoel de Oliveira, 21h00

I Saw the TV Glow

O adolescente Owen está apenas a tentar sobreviver nos subúrbios, quando o seu colega de turma o apresenta a um misterioso programa de televisão noturno - uma visão de um mundo sobrenatural, por debaixo do seu. Sob o brilho pálido da televisão, a visão de Owen da realidade começa a rachar... Eis aqui o ponto de partida para a esperada segunda longa-metragem da realizadora Jane Schoenbrun, filme para o qual a Geração Z tinha expectativas muito altas, após a consagração que supôs o anterior *We're All Going to the World's Fair*, uma das reflexões recentes mais singulares sobre a vida em Internet. Com aspirações narrativas maiores, e uma ambição estilística também superior - apoiada, claro, num orçamento muito mais expressivo -, *I Saw the TV Glow* não só não defrauda, como reafirma o selo autoral de Schoenbrun como o de alguém capaz de criar obras geracionalmente icónicas. O mais interessante é confirmar que onde o filme anterior tinha uma aura intensamente pessoal, este parece conjurado a partir de um ponto de vista mais coletivo. O excesso de medos e a falta de amor, as inseguranças, ansiedades e (des)ilusões das que fala, parecem uma radiografia do *zeitgeist* vivido pelas juventudes em 2024, como se tivessem sido conspiradas por uma comunidade, por todes nós em conjunto. Praticamente o mesmo que acontece com a banda sonora, onde o brilhante *score* de Alex G aparece secundado pelo que parece um "quem-é-quem" da galáxia de *indie-darlings* atuais, com canções de, entre outros, Yeule, Caroline Polachek, L'Rain ou Phoebe Bridgers. Um sinal dos tempos. C.R.

Jane Schoenbrun (EUA, 2024, 100')
Fic. VO inglesa, leg. em português. M/16

Sexta-feira 27 setembro
Sala Manoel de Oliveira, 22h00

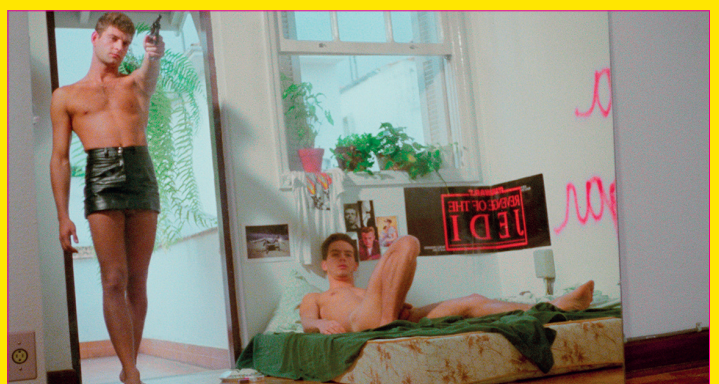


Onda Nova

Considerado "amoral" e censurado integralmente pela ditadura brasileira, este filme – agora exibido em versão restaurada e remasterizada – é uma ode ao desejo, opondo-se a todo tipo de moralismo sexista, que tem como pedra fundante o controle da sexualidade das mulheres através das narrativas sobre sexo. Relatando as façanhas das jogadoras do Gayvotas Futebol Clube, um time feminino pioneiro que desafiou as normas conservadoras da época, apoiado por ícones do futebol brasileiro como Casagrande, Wladimir e Pitta – figuras centrais da Democracia Corintiana –, *Onda Nova* não só aborda a regulamentação tardia do futebol feminino no Brasil, mas também explora questões pessoais e familiares das jogadoras cisgêneras, contextualizando essas histórias dentro de um período de intensa repressão política e evidenciando em si que – embora as posturas patriarcais frequentemente produzam discrepâncias entre os comportamentos de homens e mulheres cis – tais diferenças são somente aprendidas, e não inatas ou "naturais". H.P.

José Antonio Garcia, Ícaro Martins (Brasil, 1983, 102')
Fic. VO portuguesa, leg. em inglês. M/16

Sábado 28 setembro
Sala Manoel de Oliveira, 16h00



Competição Longas-Metragens

A partir do complexo leque humano de perda, sobrevivência, memória, amizade ou desejo, perante uma diversidade de cenários políticos, sociais, familiares ou naturais, a Competição de Longas-Metragens leva-nos a um conjunto de geografias e de cartografias humanas, que convidam ao sobressalto, mas também à mais pura das fruções. E que melhores objetos para essa inquietação, que duas das propostas que nos chegam do Oriente. No rescaldo de um tornado devastador, os sobreviventes depressa descobrem que este desastre natural deu lugar a outro de iguais proporções: um capitalismo desenfreado. É este o pano de fundo do belíssimo *Asog*, de Seán Devlin, que nos chega das Filipinas, onde Jaya vagueia os escombros procurando reconstruir a sua vida. Do Vietname, chega-nos outra crise climática e humana, em *Viet and Nam*, de Truong Minh Quý. A extração mineira pinta de carvão os corpos de Viet e Nam, dois mineiros, órfãos de pai, num filme que entretece, num deslumbre poético, a história de amor entre os rapazes, com o trauma de perda da guerra. Derradeira proposta asiática do programa, é também de perda que se alimenta *All Shall Be Well*, de Ray Yeung. Numa sobrelotada Hong Kong, Angie e Pat construíram um lar de dedicação e amor. Agora viúva, Angie vê-se a braços com a intransigência da família de Pat, disfarçada de preceito religioso. Numa geografia oposta, também *La Pampa*, do francês Antoine Chevrollier, é sobre amizade e lealdade. Este cruel retrato de uma comunidade rural próxima de Angers,

de construção narrativa irrepreensível, é puro combustível de masculinidade e homofobia, que se revela esmagador para os jovens Willy e Jojo - uma história de fugas inevitáveis. Vindo da Finlândia, é também a combustão o motor de *Light Light Light*, de Inari Niemi, cuja ação dispara em 1986, no momento do desastre nuclear de Chernobyl. É na placidez de um lago que nasce a relação entre as jovens Mimi e Mariia, neste que é um filme de trauma e memória, quando anos depois Mariia regressa à aldeia para tomar conta da mãe. Música e realizadora trans norte-americana, Theda Hammel assina uma das mais surpreendentes comédias deste ano: *Stress Positions*. Protagonizada e narrada pela própria, encerrem-se as personagens num apartamento de Brooklyn durante o confinamento, com os devaneios e taras de cada qual, e as coisas só podem correr deliciosamente mal. As duas últimas propostas da competição, chegam-nos da América do Sul. Antonio, bissexual, é uma daquelas personagens que tanto têm marcado o imaginário do cinema queer, entre o núcleo familiar e as ruas de Buenos Aires onde se prostitui - é a história de sobrevivência de *El Placer Es Mío*, de Sacha Amaral. Já *Sem Coração*, de Nara Normande e Tião, leva-nos a uma vila piscatória do estado brasileiro de Alagoas, cenário de encontro entre jovens de diferentes estratos sociais, numa delicada e violenta narrativa, passada em 1996, com uma qualidade quase documental, que tem como feixe de luz essa figura da menina sem coração, terrífica metáfora. J.F.

All Shall Be Well

Angie e Pat são um casal. Moram juntas em Hong Kong há mais de quatro décadas. Após a morte inesperada de Pat, Angie fica à mercê da família da sua companheira, enquanto luta para manter a sua dignidade e a casa que as duas compartilharam por mais de trinta anos.



Ray Yeung (Hong Kong, 2024, 93')

Fic. VO cantonesa, leg. em inglês e português. M/16

Quarta-feira 25 setembro

Sala Manoel de Oliveira, 19h00

© 2023 Mise en Scene filmproduction

Asog

Jaya é comedianta não-binária, cujo trabalho como apresentadora de um programa de televisão noturno terminou devido a uma catástrofe natural que devastou as Filipinas. No rescaldo, regressou à sua carreira de professora. Numa última tentativa de encontrar a fama, Jaya decide viajar por todo o país na esperança de ganhar o prémio de um concurso de beleza.



Seán Devlin (Canadá, Filipinas, 2023, 98')

Fic. VO filipina, leg. em inglês e português. M/16

Quinta-feira 26 setembro

Sala Manoel de Oliveira, 19h00

© Aya Garcia, courtesy of Seán Devlin

Competição Longas-Metragens

Light Light Light

Na primavera de 1986, a seguir ao incidente de Chernobyl, uma rapariga de nome Mimi chega a uma pequena vila no oeste da Finlândia. Ela imediatamente preenche a vida de Mariia, de quinze anos, com uma luz radiante. Vinte anos depois, Mariia volta à casa onde cresceu para cuidar da sua mãe doente, e as memórias daquele marcante verão começam a vir à tona.

Inari Niemi (Finlândia, 2023, 91')
Fic. VO finlandesa, leg. em inglês e português. M/16

Segunda-feira 23 setembro
Sala Manoel de Oliveira, 22h00



La Pampa

Willy e Jojo são amigos de infância, sempre ao lado um do outro. Treinar na pista de motocross é a sua maneira de vencer o tédio. Uma noite, Willy descobre o segredo de Jojo.

Antoine Chevrollier (França, 2024, 103')
Fic. VO francesa, leg. em inglês e português. M/16

Sábado 21 setembro
Sala Manoel de Oliveira, 22h00

Quinta-feira 26 setembro
Sala Manoel de Oliveira, 16h00



El Placer Es Mío

Antonio, de 20 anos, vagueia pelas ruas de Buenos Aires à procura de dinheiro e sexo. O magnetismo que exerce sobre as pessoas que com ele se cruzam permite-lhe roubá-las e extorqui-las. Só a mãe, com quem mantém uma relação conflituosa, consegue sobrepor-se ao seu sentimento de impunidade, pressionando-o a partir, a embarcar numa fuga rumo ao sul.

Sacha Amaral (Argentina, Brasil, França, 2024, 94')
Fic. VO espanhola, leg. em inglês e português. M/16

Terça-feira 24 setembro
Sala Manoel de Oliveira, 22h00



Competição Longas-Metragens

Sem Coração

Tamara está a aproveitar as últimas semanas na aldeia de pescadores onde vive, antes de partir para Brasília para estudar. Um dia, ela ouve falar de uma adolescente apelidada de Sem Coração, por causa de uma cicatriz que tem no peito. Ao longo do verão, Tamara sente uma atração crescente por essa misteriosa rapariga.



Nara Normande, Tião (Brasil, França, Itália, 2023, 91')
Fic. VO portuguesa, leg. em inglês. M/16

Sexta-feira 27 setembro
Sala 3, 21h30

Stress Positions

Terry Goon mantém uma rigorosa quarentena no apartamento do seu ex-marido, em Brooklyn, enquanto cuida do seu sobrinho Bahlul, um modelo marroquino de 19 anos, acamado após um acidente de trotinete. Infelizmente para Terry, todas as pessoas à sua volta só querem conhecer o modelo.



Theda Hammel (EUA, 2023, 95')
Fic. VO inglesa, leg. em português. M/16

Domingo 22 setembro
Sala Manoel de Oliveira, 19h00

Quarta-feira 25 setembro
Sala Manoel de Oliveira, 16h00

© courtesy of NEON

Viet and Nam

Nam e Viet estão apaixonados. São ambos mineiros, a trabalhar a mil metros de profundidade, onde o perigo os espera e a escuridão prevalece. O carvão dá-lhes o sustento, mas polui a terra e o mar. Quando Nam decide deixar o país, através de um agente de redes de tráfico humano, em contentores de transporte marítimo, dá-se uma cisão entre o seu amor por Viet e os desejos para o seu próprio futuro.



Truong Minh Quý (Vietname, 2024, 129')
Fic. VO vietnamita, leg. em inglês e português. M/16

Segunda-feira 23 setembro
Sala Manoel de Oliveira, 19h00

© Nicolas Graux

Competição Documentários

A competição de documentários privilegia vidas raras e filmes que ora trabalham com a memória, ora apontam ao(s) devir(es). Da Catalunha, recebemos *Alteritats*, de Alba Cros e Nora Haddad, que apresenta uma gama de possíveis dentro do lesbianismo, sem evitar pontos de fricção como o separatismo radical, a experiência não-binária e a suplementação hormonal, o trabalho sexual e a monogamia. *Avant-Drag!*, de Fil Ieropoulos, mostra a originalidade do transformismo na Grécia contemporânea através de um conjunto de artistas que desafiam normas, ícones e monolitismo cultural. Um caleidoscópio de humor inteligente, teatralidade e miscigenação a provar que o *drag* pode sair à rua, usar o panfleto e o vídeo, constituir-se como verdadeira arte do protesto. *Baldiga - Unlocked Heart*, de Markus Stein, mistura reconstituição, espólio artístico e depoimentos para abordar a figura de Jürgen Baldiga, carismático cronista e protagonista da cena queer de Berlim nas décadas de 80 e 90, e um exemplo de fulgor criativo interrompido pelo VIH. *Cyborg Generation*, com que se estreia Miguel Morillo Vega, acompanha Kai Landre numa jornada de *biohacking* que lhe permitirá ouvir a música das esferas. Encantado desde sempre por raios cósmicos, e inspirado por Neil Harbisson, Moon Ribas e Manuel de Aguas – artistas que aumentaram tecnologicamente um plano de percepção – Kai habita as consequências musicais e existenciais da condição ciborgue. *Frammenti*

di un Percorso Amoro, de Chloé Barreau é, porventura, o caso mais descaradamente autobiográfico desta seleção. Onze amantes da realizadora aceitam recordar as suas histórias de amor com Chloé, todas sentidas como insubstituíveis, mesmo se tecidas em simultâneo ou sucessivamente. São entrevistas desarmantes sobre a mulher que assina o filme, que arquivou cartas e imagens agora organizadas como derradeiro gesto de compulsão amorosa. *Neirud*, de Fernanda Faya, dá notícias de uma família improvável num Brasil improvável: a realizadora investiga a tradição de circo itinerante dos seus antepassados, com foco na avó empresária e promotora pioneira da luta livre feminina, para descobrir afinal um novo parentesco e uma indefetível paixão entre mulheres. Refiram-se, por fim, duas obras de afinidade indiscutível, *La photo retrouvée*, de Pierre Primetens, e *Sylvia Robyn*, de Panayotis Evangelidis. É a mãe precocemente morta que conduz os dois filmes, o de Primetens com recurso a imagens de arquivo e voz *off* para ilustrar a infância suprimida, a reconfiguração do lar, o islamismo forçado, e outros golpes; já Evangelidis visita com realismo pungente uma pessoa marcada pela depressão e pela neurodivergência, com uma vivência singular do género. A caminho da autonomia, Sylvia Robyn alimenta-se de costura, bonecos de peluche, performance e mecanismos de auto-consolação. C.C.H.

Alteritats

Diversas vozes da comunidade lésbica na Catalunha. Uma genealogia que abrange quatro gerações e uma viagem muito íntima por vidas que se cruzam, que nos permite compreender como é existir num mundo feito de estruturas heterossexuais, quando se pertence ao coletivo LGBTQI+.

Alba Cros, Nora Haddad (Espanha, 2023, 91')
Doc. VO espanhola e catalã, leg. em inglês. M/16

Terça-feira 24 setembro
Sala 3, 15h30



Avant-Drag!

Um olhar vibrante sobre dez artistas drag atenienses que desconstroem noções de género, nacionalismo, pertença e identidade, enquanto enfrentam a brutalidade policial, a transfobia e o racismo.

Fil Ieropoulos (Grécia, 2024, 92')
Doc. VO grega, leg. em inglês. M/16

Quinta-feira 26 setembro
Sala 3, 21h30

Sábado 28 setembro
Sala 3, 15h30



Competição Documentários

Baldiga - Unlocked Heart

Quando o artista e fotógrafo Jürgen Baldiga morreu de consequências de sida em 1993, deixou como legado aquele que é provavelmente o mais extenso conjunto de trabalhos sobre VIH, sida, homossexualidade e subcultura na Berlim Ocidental das décadas de 1980 e 1990; que inclui milhares de fotografias e 40 diários, com mais de 7.500 páginas, começando com a sua chegada a Berlim e terminando com a sua morte.

Markus Stein (Alemanha, 2024, 92')
Doc. VO alemã, leg. em inglês. M/16

Sábado 28 setembro
Sala 3, 18h30



© Schwules Museum Berlin, Leihgabe Aron Neubert

Cyborg Generation

Kai Landre, músico de dezoito anos, decide criar um órgão cibernético e implantá-lo ilegalmente no seu próprio corpo, adquirindo assim um novo sentido que lhe permite reconhecer, na Terra, sons vindos do espaço sideral.

Miguel Morillo Vega (Espanha, 2024, 63')
Doc. VO catalã, espanhola e inglesa, leg. em inglês. M/16

Sábado 21 setembro
Sala 3, 18h30



Frammenti di un Percorso Amatorioso

Desde os 16 anos, entre Paris e Roma, Chloé Barreau filma os seus e as suas amantes. Sempre que estava numa relação, criava a memória da mesma, escrevendo cartas, tirando fotografias, filmando obsessivamente... Ímpeto de adolescente, paixão física, relação à distância, ligação profunda: cada história é diferente, cada experiência é única.

Chloé Barreau (Itália, 2023, 95')
Doc. VO italiana e francesa, leg. em inglês e português. M/16

Domingo 22 setembro
Sala Manoel de Oliveira, 16h00



Competição Documentários

Neirud

Enfrentando segredos de família, a realizadora Fernanda Faya desvenda a misteriosa vida da sua tia Neirud, que percorreu o Brasil como lutadora, numa trupe feminina de circo clandestino, desde a década de 1960 a 1980.

Fernanda Faya (Brasil, 2023, 72')
Doc. VO portuguesa, leg. em inglês. M/16

Quarta-feira 25 setembro
Sala 3, 21h30



La photo retrouvée

“Nunca tive fotografias da minha infância, nem da minha família. Perderam-se todas ou foram destruídas. Hoje, decido contar a minha história, tomando emprestados os registos de outras pessoas.” (P.P.)

Pierre Primetens (França, 2024, 76')
Doc. VO francesa, leg. em inglês. M/16

Segunda-feira 23 setembro
Sala 3, 21h30

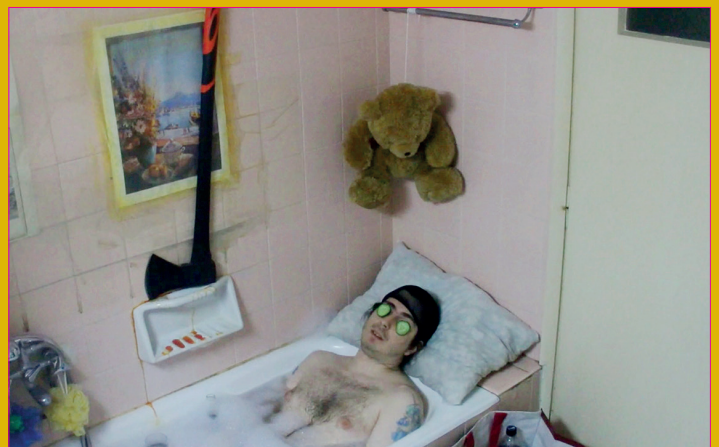


Sylvia Robyn

Digenis – um artista queer de muito poucos seguidores – não consegue relacionar-se: afastado da família, quase não tem amigos e parece destinado a amores não correspondidos. Clinicamente deprimido, é diagnosticado com autismo, uma revelação que espoleta uma jornada de autodescoberta, à medida em que se revela como pessoa transgénero, iniciando a transição para se tornar Sylvia Robyn.

Panayotis Evangelidis (Grécia, 2024, 91')
Doc. VO grega, leg. em inglês. M/16

Quinta-feira 26 setembro
Sala 3, 18h30



Competição Curtas-Metragens

Desde várias geografias chegam-nos expressões artísticas que nos falam de desejo, sítios, corpos, reparação, luto, visibilidade e pertença. Através de uma lente queer temos acesso a uma viagem que atravessa as dúvidas, ansiedades, poesia e gritos de liberdade feita pelas mãos de uma ampla diversidade de artistas. Homenagens também são feitas a quem foi ostracizado pela sociedade, pela sua orientação sexual, como em *Death Mask*, ou vítima de transfobia, como em *Seu Nome Era Gisberta*. De entre os escombros são recuperadas imagens de pessoas sem nome, em *Traces* – uma revolução imagética de poder feminino para destituir a ordem militar e patriarcal. Estas expressões são provocações, mas, como em *Ne jamais s'arrêter de crier*, são gritos de liberdade contra a impossibilidade de viver genuinamente. Gritos ou fantasias que ganham vida como ferramentas de reparação para abalar as convenções do sistema, como acontece em *Vienen las Grietas*. As geografias muitas vezes imprimem uma necessidade de fuga para se poder “ser”, mas em *Wouldn't Make It Any Other Way* assistimos ao seu inverso, um retorno às origens na afirmação de quem se “é”. E ao falar de geografias, também falamos de identidade(s). Identidade como lugar – um lugar de construção cultural, como em *Chi(le)na*, um lugar mais interior, como em *Hello Stranger*, um lugar que não encaixa bem no puzzle da matriz binária, como em *Gender Reveal*. É um lugar de passagem entre o agora e o depois e nesse “agora” ficam os que sentem a falta de quem partiu e

deixou espaços vazios. Espaços que ficam a aguardar serem preenchidos de poesia, como em *aquest (no) és el teu oceà* ou espaços de reflexão sobre a solidão das grandes cidades que levam ao isolamento, como em *I Don't Want to Be Just a Memory*. São pano de fundo para outras narrativas, as cidades que moldam as pessoas que nelas vivem e condicionam as suas ações: presas nas suas arquiteturas, como em *Pássaro Memória*, capturadas na sua angústia, como em *The Inescapable Desire of Roots*, apanhadas no seu desmoronamento, como em *Paradise Europe* ou contaminadas pela sua energia de imprevisibilidade e dissimulação, como em *Bust*. É também na imprevisibilidade das cidades que surgem encontros, improváveis de repetição, como em *Queen Size* ou *The 5 O'Clock Chime*. Nestes contextos podemos também assistir a corpos que reclamam a sua existência de várias formas, umas mais subtis e latentes, outras mais diretas e tangíveis. É ainda sobre o corpo, o corpo feminino em particular, que nos falam outros dois trabalhos, numa perspetiva mais analítica de construção social através das imagens, em *getty abortions*, e na narrativa sobre a maternidade, em *La tentation du panda roux*. O desejo não podia ser deixado de parte nesta viagem e, como tal, este adensasse delicadamente nas paisagens nórdicas, em *Sauna Day*, pulsa na pele dourada de um jovem num final de verão, em *Le garçon qui la nuit*, e atravessa a telepatia das personagens, em *As Minhas Sensações São Tudo o que Tenho para Oferecer*. D.P.

Curtas 1 (87')

Domingo 22 setembro · Sala 3, 18h30

Hello Stranger

Por entre as roupas na lavanderia da esquina, Cooper conta-nos a história da sua jornada de redesignação sexual. Reunindo as suas memórias, desde a sua infância numa pequena vila piscatória, até ao turbulento processo clínico, Cooper tenta fazer as pazes com a última marca masculina no seu corpo: aquela voz grave e irritante que se cola à sua pele.

Amélie Hardy (Canadá, 2024, 17')
Doc. VO inglesa, leg. em inglês. M/16

aquest (no) és el teu oceà

Corpos queer atraem-se, apaixonam-se, vacilam, sucumbem. Serão os nossos corpos particularmente vulneráveis, e consequentemente, os nossos amores também? Uma vídeo-carta poética; um ensaio crítico investigativo; um experimento íntimo de imagem e som, do coração, cabeça e hormonas; e uma ode amorosa a quem seguiu o seu caminho, antes que se pudessem construir memórias comuns.

Jordi Wijnalda (Bélgica, Países Baixos, Espanha, 2024, 13')
Doc. Exp. VO catalã, inglesa e holandesa, leg. em inglês. M/16

I Don't Want to Be Just a Memory

Membros da comunidade queer de Berlim choram a perda de amigos mortos relacionada ao abuso de substâncias, compartilhando memórias e rituais. Assemelhando-se a fungos que brilham no escuro, juntas irradiam luz como uma rede de apoio e cuidados.

Sarnt Utamachote (Alemanha, 2024, 20')
Doc. VO inglesa e espanhola, leg. em inglês. M/16

Paradise Europe

No dia em que milhares de pessoas saem às ruas em Berlim em protesto contra os arrendamentos inacessíveis e a abolição da lei do valor máximo de aluguer, um imigrante gay brasileiro, que acaba de ser despejado, luta para encontrar um novo quarto enquanto a sua vida pessoal desmorona.

Leandro Goddinho, Paulo Menezes (Alemanha, Brasil, 2023, 17')
Fic. VO alemã, inglesa e portuguesa, leg. em inglês. M/16

La tentation du panda roux

Anna, 35 anos, vive o amor perfeito com Marie. Ao descobrir que está na menopausa precoce, corre contra o relógio para engravidar.

Haïga Jappain (França, 2023, 20')
Fic. VO francesa, leg. em inglês. M/16



Competição Curtas-Metragens

Curtas 2 (89')

Segunda-feira 23 setembro · Sala 3, 18h30

Vienen las Grietas

Keisi acorda uma manhã com a obsessão de fugir para o meio da natureza, que a tem perseguido ultimamente. A galeria de arte onde trabalha é o seu pesadelo, enquanto uma fotografia ali exposta torna-se a sua fantasia.

Daniel Mateo Vallejo Gutiérrez (Colômbia, Países Baixos, 2022, 18')
Fic. VO espanhola, leg. em inglês. M/16

Wouldn't Make It Any Other Way

Tendo construído uma colorida vida queer no Iowa, Marc Marcos, aspirante a figurinista, visita a sua terra natal na ilha de Guam para fazer figurinos para uma peça de teatro infantil, enquanto volta a estabelecer laços com os pais, dos quais tem estado distante.

Hao Zhou (EUA, Guam, 2024, 21')
Doc. VO inglesa, leg. em inglês. M/16

The 5 O'Clock Chime

Em Tóquio, um encontro romântico não consumado e um repentino desaparecimento, deixam Seiji a lutar para entender o que nunca aconteceu, e o que poderia ter acontecido.

James Cooper (Japão, Reino Unido, 2024, 15')
Fic. VO japonesa, leg. em inglês. M/16

Traces

Beirute 1980: entre os escombros de um edifício destruído, uma bobina de película. Um improvável desenrolar de corpos queer ganha forma, enquanto a cidade devastada pela guerra e o seu espetáculo de masculinidade tóxica se desintegram.

Chantal Partamian (Canadá, 2023, 9')
Exp. S/ diálogos. M/16

Sauna Day

Homens do sul da Estónia vão para o espaço escuro e íntimo das saunas de vapor, depois de um árduo dia de trabalho. Por trás da sua dura aparência há um desejo de conexão, velado em segredo.

Anna Hints, Tushar Prakash (Estónia, 2024, 13')
Fic. VO estoniana e vöro, leg. em inglês. M/16

Gender Reveal

Sempre ávido em agradar, Rhys, que está numa relação a três, acaba por ir à festa de revelação de género do bebé do seu chefe. O trio trans rapidamente percebe que está a lidar com mais do que estava à espera. A sua capacidade de sobreviver ao evento começa a ser posta em causa.

Mo Matton (Canadá, 2024, 13')
Fic. VO inglesa e francesa, leg. em inglês. M/16



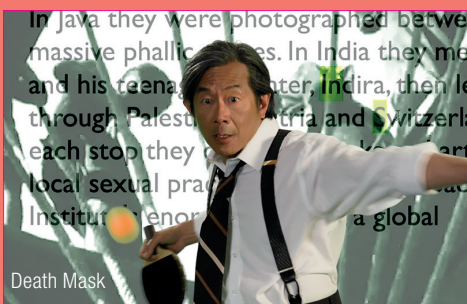
Gender Reveal



Traces



Vienen las Grietas



Death Mask



Seu Nome Era Gisberta



The Inescapable Desire of Roots

Competição Curtas-Metragens

Curtas 3 (86')

Terça-feira 24 setembro · Sala 3, 18h30

Bust

Uma polícia trans do Departamento de Polícia de Nova Iorque vê-se dividida entre o seu dever perante a lei, e os novos laços que estabelece com um grupo de raparigas trans envolvidas no tráfico de drogas.

Angalis Field (EUA, 2023, 11') • Fic. VO inglesa, leg. em inglês. M/16

Death Mask

Em 1933, um jovem estudante de medicina chinês apaixona-se perdidamente por um sexólogo berlinense muito mais velho, Magnus Hirschfeld, lendário pioneiro dos direitos homossexuais. Eles viajam juntos pelo mundo, documentando avidamente diversas subculturas sexuais, mas depois o Instituto de Hirschfeld é saqueado pelos nazis e os dois são forçados ao exílio, fugindo pela Europa.

John Greyson (Canadá, 2023, 10') • Exp. VO inglesa, s/ legendas. M/16

Seu Nome Era Gisberta

Uma experiência imersiva sobre a vida e morte de Gisberta Salce, uma mulher trans brasileira, assassinada por catorze jovens na cidade do Porto, em 2006. Este projeto foi criado como uma ferramenta de educação, intervenção social e ativismo contra a transfobia.

Sérgio Galvão Roxo (Portugal, Brasil, 2023, 30')
Doc. Anim. VO portuguesa, leg. em inglês. M/16

The Inescapable Desire of Roots

Um homem com pelos que crescem descontrolados pelo corpo é tomado por expressões maníacas de êxtase e angústia. Luta contra a subjugação que significa o seu próprio cabelo, enquanto é dominado pela alegria explosiva da sua pujança. Uma visão bizarra da disciplina e do corpo em Singapura.

Mark Chua, Lam Li Shuen (Singapura, 2024, 6')
Exp. VO mandarina e inglesa, leg. em inglês. M/16

Ne jamais s'arrêter de crier

O escritor e cineasta Abdellah Taïa escreve uma carta ao seu sobrinho gay, Brahim, para ajudá-lo a escapar ao medo, para o apoiar, para caminhar ao seu lado. Para amá-lo com força.

Abdellah Taïa (França, Marrocos, 2023, 10')
Docufic. VO francesa, leg. em inglês. M/16

Queen Size

Esta manhã, Marina tem um encontro marcado com Charlie para lhe vender um colchão. Esta noite, ela cancelará o seu voo para a Ilha da Reunião. Mas elas ainda não sabem de nada disto.

Avril Besson (França, 2023, 19') • Fic. VO francesa, leg. em inglês. M/16

Curtas 4 (89')

Quarta-feira 25 setembro · Sala 3, 18h30

As Minhas Sensações São Tudo o que Tenho para Oferecer

Lourdes e Lana conheceram-se telepaticamente através de "pílulas sensoriais", uma tecnologia que permite aceder às sensações de outras pessoas à distância. Após meses de relacionamento, Lourdes decide visitar a casa de campo dos pais e apresentá-los à namorada.

Isadora Neves Marques (Portugal, 2024, 20')
Fic. VO portuguesa, leg. em inglês. M/16

Pássaro Memória

Um pássaro chamado Memória esqueceu-se como voltar para casa. Lua, uma mulher trans, tenta encontrá-lo nas ruas do Rio de Janeiro, mas a cidade pode ser um lugar hostil.

Leonardo Martinelli (Brasil, Reino Unido, 2023, 15')
Fic. VO portuguesa, leg. em inglês. M/16

getty abortions

Como se ilustra o aborto? Este filme-ensaio examina como os media austríacos e alemães o fazem, navegando por bancos de imagens, arquivos de revistas para adolescentes e documentos pessoais de experiências reais de aborto.

Franzis Kabich (Alemanha, Áustria, 2023, 22')
Doc. VO alemã, leg. em inglês. M/16

Le garçon qui la nuit

É o fim do verão, altura de Arthur deixar os seus amigos. Com o desejo de ficar na praia para sempre, este melancólico adolescente, apaixonado, vai invocar sem querer algumas criaturas noturnas, que poderão ajudá-lo a mudar de capítulo.

Jérémy Piette (França, 2023, 26')
Fic. VO francesa, leg. em inglês. M/16

Chi(le)na

Filhe de um imigrante chinês no Chile, Yoksan Xu revisita a relação com o seu pai ausente, enquanto explora os restaurantes do progenitor e reflete sobre a sua própria identidade e relação com a masculinidade.

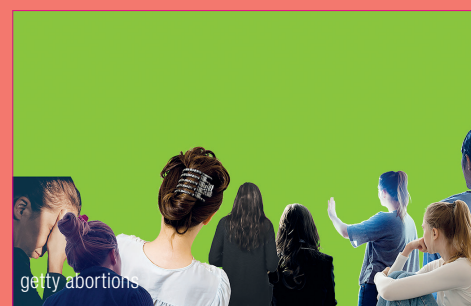
Yoksan Xu (Chile, 2023, 6')
Doc. VO espanhola, leg. em inglês. M/16



As Minhas Tentações São Tudo o que Tenho para Oferecer



Le garçon qui la nuit



getty abortions

LGBTI



VARIACOES

ASSOCIAÇÃO DE COMÉRCIO E TURISMO
LGBTI DE PORTUGAL

O SEU

**PARCEIRO
DE NEGÓCIOS
LGBTI**

EM PORTUGAL



www.variacoes.pt
geral@variacoes.pt



[variacoesslgbti](https://www.instagram.com/variacoesslgbti)



[variacoessLGBTI](https://www.facebook.com/variacoessLGBTI)



[variacoess](https://www.linkedin.com/company/variacoess)

MARCA
OFICIAL



COM O
APOIO

TURISMO DE
PORTUGAL



monday to
friday

17h - 24h

saturday

& sunday

13h - 24h

everyday

Happy Hour

BISTRO EDELWEISS
Swiss Food in Lisbon...



Rua de São Marçal 2

Lisboa 1200-421

tel +351 930414725

www.edelweiss-bistro.com

VILLA



CAPARICA

GAY RESORT HOTEL ***
LISBON - PORTUGAL



www.villa3caparica.com



+351 964 983 333

Clothing Optional, Heated Pool, Jacuzzi, Sauna, Steambath,
Gym, Free Breakfast, Free Bar Shuttle

**AMBIENTE
HOSTEL**

Experience the feeling of
home, where everyone is
welcome!

www.ambientehostel.pt

Av. Almirante Reis, 86, 3rd floor
Lisboa

Competição In My Shorts

Observar. Questionar. Empatizar. Três ações chave com que analisar o programa de curtas de escola europeias que apresentamos este ano. Novas vozes no mundo do audiovisual que, mais uma vez, demonstram uma madurez espantosa na hora de tratar temas e de propor soluções estilísticas. Exibicionismo e desejos ocultos são os protagonistas de *The Building Opposite*, filme no qual Siri Pårup recriou em estúdio parte do prédio que via da janela da sua casa. A realizadora sueca faz da especificidade do espaço uma aventura cinematográfica, e, das estranhezas dos vizinhos, privadas ficções. Valentina Parati e Antoine Scalese também exploram o voyeurismo em *Helmet*, cuja abordagem da ideia “homem versus máquina” faz lembrar referências como *Crash* (Cronenberg), *Holy Motors* (Carax) ou *O Fantasma* (Rodrigues). São palavras maiores para uma obra tão ambígua e enigmática quanto *Son Pardos*, a meio caminho entre a fábula de lobisomem clássica e a distopia millennial, uma cosmogonia onde os humanos camuflam identidades, qual felinos na noite. As emoções como vasos comunicantes e como ligações decisivas quando se trata de habitar corpos, são componentes essenciais em *I Kiss Your Hand, Madame* e em *Les sports X-trem*. No primeiro, Jeremy Luke Bolatag trabalha o registo do documentário a partir da proximidade com a sua protagonista, mulher trans na Hungria de Orbán que combate o medo com base no amor que marca a relação com o seu filho. O segundo está dirigido e protagonizado por Gio Ventura, revelação do cinema queer francês que assina uma afiada e sexy proposta onde desporto, género e estética pós-

moderna caminham de mão dada. Um filme excitante e jovem, o primeiro de uma carreira que se adivinha prometedora. Dois minutos bastam a Natalia del Mar Kašik para fazer claro o seu ponto. A aparentemente simples coreografia de *Pistoleras* convoca estereótipos de género e noções de *body positivity* num jogo de espelhos que brinca com a estética dos *spaghetti westerns* para denunciar conceitos universais sobre o corpo feminino. Camille Tricaud e Franziska Unger estão igualmente interessadas em radiografar com precisão o corpo feminino. O requintado *Ralentir la chute* é também, de alguma forma, um jogo de reflexos: entre duas desportistas enfrentadas, entre atrizes e atletas profissionais reais, ou simplesmente entre duas mulheres que já não se amam. Há ainda espaço para outra obra de fatura deliciosa: *Cura Sana*, da jovem Lucía G. Romero, tem conquistado festivais e audiências sem dificuldades. A fórmula? Uma impecável receita à base de força cenográfica, drama social e atrizes em estado de graça. Por último, dois interessantes registos documentais. *Springtime* é o híbrido com o qual Mon Dewulf retrata a vida de um agricultor que vive em silêncio os seus dilemas identitários. Uma obra de tempo e tensão narrativa radicais, mas controlados com delicadeza. E *Dancing in the Light* é o exercício da estudante checa Julie Petříková a partir dos registos de vídeo de Nelson Sullivan (1948-1989) que recentemente ficaram disponíveis na Internet; uma oportunidade especial para descobrir esta figura semiesquecida da cena underground da Nova Iorque dos oitentas que profetizou a cultura dos ‘vloggers’. C.R.

In My Shorts 1 (95’)

Quinta-feira 26 setembro · Sala 3, 15h30

Helmet

Um subúrbio perto de Prizren, Kosovo. Uma funcionária de uma empresa de carros de aluguer transforma o seu negócio num lugar de *cruising*. Escondido atrás do seu capacete, um jovem queer espia e sonha.

Valentina Parati, Antoine Scalese (Suíça, Kosovo, 2022, 16’)
Fic. VO albanesa, leg. em inglês. M/16

I Kiss Your Hand, Madame

Depois de viver uma vida heteronormativa durante cinquenta anos, Mónika faz finalmente a sua orquiectomia. O realizador segue os seus primeiros passos na viagem de afirmação do género: a sua nova relação com o corpo, e com o seu filho biológico de onze anos, Gabi, enquanto atravessa o regime repressivo de Orbán, na Hungria.

Jeremy Luke Bolatag (Hungria, Portugal, Bélgica, 2024, 18’)
Doc. VO húngara, leg. em inglês. M/16

Dancing in the Light

A câmara de vídeo era a melhor amiga de Nelson Sullivan. Com ela, registou cada momento da sua vida durante vinte anos - desde a mais insignificante compra no mercado até às mortes de amigas, que o afetaram profundamente. Sullivan fez parte da cena *underground* de Nova Iorque, onde assistiu ao nascimento de estrelas como a lendária RuPaul.

Julie Petříková (Chéquia, 2023, 28’)
Doc. VO inglesa, leg. em checo. M/16

The Building Opposite

“Da minha janela vejo o prédio em frente. Em cada apartamento acontece um filme cujo enredo não tem fim. Os atores são pessoas comuns que eu julgo conhecer bem, apesar de nunca nos termos cruzado. O que vejo da minha janela, misturado com a minha imaginação, resulta em histórias fictícias sobre essas pessoas e o seu quotidiano”. (S.P.)

Siri Pårup (Suécia, 2023, 14’) · Fic. VO sueca, leg. em inglês. M/16

Cura Sana

Jéssica e Alma, duas irmãs vítimas de violência doméstica, trocam a violência pelo carinho durante uma das suas habituais idas ao banco de ajuda alimentar, na noite de São João, feriado espanhol.

Lucía G. Romero (Espanha, 2024, 19’)
Fic. VO espanhola, leg. em inglês. M/16



Helmet



The Building Opposite



Cura Sana

Competição In My Shorts

In My Shorts 2 (89')

Sexta-feira 27 setembro · Sala 3, 15h30

Springtime

Quando o filho de um agricultor decide passar uma noite na grande cidade, descobre que o seu futuro pode ser diferente.

Mon Dewulf (Bélgica, 2023, 18')
Docufic. VO holandesa, leg. em inglês. M/16

Ralentir la chute

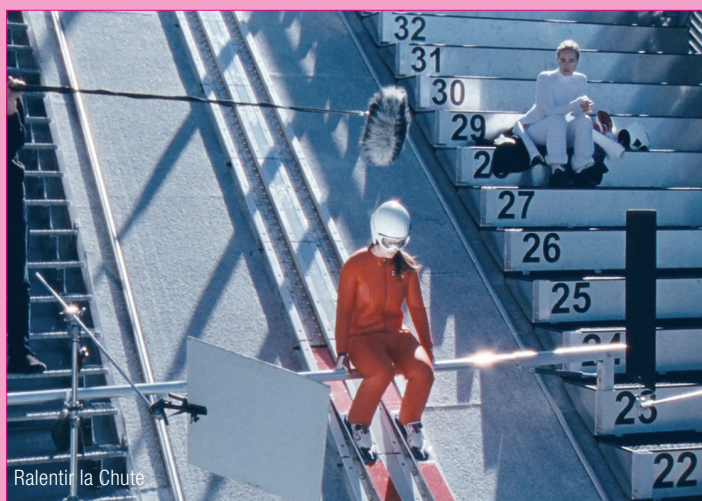
À luz dos Alpes, uma enorme colina de salto de esqui emana uma luz metálica. Duas saltadoras de esqui ensaiam movimentos sincronizados no vale, respondem a perguntas genéricas diante de uma tela verde, e posam na colina enquanto são observadas por uma equipe de filmagem. É o primeiro encontro das duas atletas desde a sua separação.

Camille Tricaud, Franziska Unger (Alemanha, França, 2023, 20')
Fic. VO francesa e inglesa, leg. em inglês. M/16

Pistoleras

A *cowgirl* está de pé, de pernas arqueadas, mas um rápido toque na anca - onde normalmente está pendurado um coldre - revela a pele nua e carne macia. Os recortes ovais em ambos os lados das calças de ganga, permitem uma visão íntima e desarmante do corpo feminino que nenhum olhar masculino seria capaz de captar.

Natalia del Mar Kašik (Áustria, 2023, 2')
Exp. s/ diálogos. M/16



Les sports X-trem

Lino treina boxe, dia e noite, sob a supervisão astuta de Loana. Namoro musculado ou camaradagem desportiva? Entre golpes e lençóis de cetim, o seu horizonte comum é o derradeiro *knockout*.

Gio Ventura (França, 2023, 19')
Fic. VO francesa, leg. em inglês. M/16

Son Pardos

Um lobo solitário que vive numa floresta nos arredores de Barcelona, passa os dias a espiar quem lá entra à procura de intimidade e prazer. Uma noite, um eclipse da Lua de Sangue transforma-o num homem e ele decide descer à cidade.

Carlos Llaó (Espanha, 2023, 30')
Fic. VO espanhola e catalã, leg. em inglês. M/16



**APEROL SPRITZ E/OU HUGO
PEÇA 1 E RECEBE OUTRO GRÁTIS**

KAFFEEHAUS

CAFÉ | RESTAURANTE | BAR | VIENENSE

Rua Anchieta 3 | 1200-023 CHIADO Lisboa

www.kaffeehaus-lisboa.com

promoção válida até 27/09/2024

Competição Queer Art

A primeira parte de uma trilogia sobre a transição da própria cineasta Victoria Verseau, *Trans Memoria*, mostra como o direito à autonomia sobre o corpo atravessa as pautas das pessoas trans*, uma vez que o conjunto de suas corporalidades é construído no interior do patriarcado como subalterno, expondo, desse jeito (e não só), a perda do próprio corpo, por exemplo, como é o caso narrado na história de Meril. Outras questões que dizem respeito à identidade e à autonomia em relação às modificações que se fazem no corpo são discutidas por Verseau e suas amigas Athena e Aamina. Já no filme *The People's Joker*, de Vera Drew, vê-se uma paródia sobre o Joker, um dos personagens da DC Comics, tendo como fundo a experiência da socialização masculina de uma mulher trans até o momento de sua transição social. Por isso, é importante nomear a cisgeneridade como uma forma de revelar que essa identidade tida como normal, natural ou verdadeira é também, em si, uma ficção política encarnada. Em *Eros*, Rachel Daisy Ellis propõe um exercício performático a várias pessoas, para que se filmem livremente durante uma noite num motel e compartilhem os seus vídeos depois com ela para a realização de seu filme. Vê-se aqui, efetivamente, como a arquitetura do motel opera também “silenciosamente como a mais discreta e efetiva das ‘tecnologias de gênero’” (Paul Preciado), uma vez que a cisheterossexualidade está disseminada compulsoriamente o tempo todo como a militante mais chata e delirante por atuar constantemente com a sua imposição. Não obstante, a arquitetura do *Parque de Diversões*, de Ricardo Alves Jr., com roteiro de Germano Melo, serve agora como metáfora para o imperativo do desejo experimentado pela prática do *cruising*, abordando, dessa maneira, as sexualidades múltiplas através de voyeurismos e exibicionismos,

códigos fetichistas, práticas sexuais e performances não (cis)heterocentradas. Em *Sofia Foi*, de Pedro Geraldo, a protagonista homônima se encontra numa deambulação para passar o tempo e driblar os incômodos vazios de seu dia a dia, sustentando, assim, todo o percurso do filme na aparência de uma trama-fantasma, majoritariamente noturna, silenciosa e solitária, e parcialmente onírica, uma vez que a “impermanência” – palavra essa mal tatuada na cor branca num corpo por Sofia – se encontra como metáfora de sua vida. Com ecos do cinema de Ingmar Bergman, *Of Living without Illusion* – título do filme de Katharina Lüdin retirado dos escritos de Ingeborg Bachmann – explora as relações românticas vividas por Merit, uma atriz de teatro de meia-idade, alternando entre as situações cotidianas familiares e os momentos ressonantes de abandono, medo, desonestidade e violência com a sua companheira Eva. O teatro também vai aparecer no filme *Et dans le flux, tu le perdras*, de Christophe Pellet, como recurso para contar a história de vida da atriz Lia. Entrecruzando ficção e documentário, ela evoca a ausência e a indiferença de seu pai biológico Kaspar para tecer a história dele com o parceiro Leo, tratando, dessa forma, de múltiplas possibilidades de arranjos sobre o amor e a nossa relação com o mundo, além de trazer questões sobre a coparentalidade. Por fim, o documentário experimental *Embodied Chorus* retrata como é conviver com as infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) no dia a dia, partindo das experiências dos próprios realizadores – Danielle Davie e Mohamad Sabbah – e de relatos de outros libaneses, interpretados no filme por um grupo de atores com a intenção de criar uma narração pessoal e lírica por meio da intimidade de corpos livres do estigma e da vergonha. H.P.

Embodied Chorus

O cru diário fílmico de Danielle e a vibrante memória queer de Moe de quem vive com uma infecção sexualmente transmissível, desencadeiam uma exploração colaborativa de corpos, intimidade e vergonha.

Danielle Davie, Mohamad Moe Sabbah (Líbano, Alemanha, Luxemburgo, 2023, 72')
Doc. Exp. VO árabe, inglesa e francesa, leg. em inglês. M/16

Segunda-feira 23 setembro
Sala 3, 15h30

Quarta-feira 25 setembro
Sala 3, 15h30



Eros

Os “love motels” no Brasil são um refúgio onde a fantasia se torna realidade. Quando o acompanhante da cineasta falhou em aparecer, ela teve uma nova ideia para um filme. Filmado em colaboração com es próprias participantes, o resultado é uma visão caleidoscópica de um mundo paralelo de desejos humanos.

Rachel Daisy Ellis (Brasil, 2024, 108')
Doc. VO portuguesa, leg. em inglês. M/18

Domingo 22 setembro
Sala 3, 15h30



Et dans le flux, tu le perdras

Leo e Kaspar, um jovem casal, moram em Nanterre. Kaspar trabalha numa empresa. Leo, desempregado, quer voltar para o campo. A sua separação marca a partida de Leo para Berlim, cidade onde espera renascer. Ao mesmo tempo, Kaspar continua a sua atividade: é devorado pelo trabalho.

Christophe Pellet (França, 2023, 61')
Fic. Exp. VO francesa, leg. em inglês. M/16

Sábado 21 setembro
Sala 3, 15h30



Of Living without Illusion

Verão escaldante num subúrbio. Cinco pessoas contornam cautelosamente os seus conflituosos relacionamentos: Merit distancia-se de Eva, Lion tem que deixar Rose, David tenta libertar-se. Tódes falam, mas as suas palavras não se encontram. Fazem teatro, no palco, enquanto ensaiam as suas vidas. Medos do futuro e vestígios de violência permeiam o seu presente. Como estar um com o outro quando a incondicionalidade começa a desmoronar?

Katharina Lüdin (Alemanha, Suíça, 2023, 109')
Fic. VO alemã, norueguesa e italiana, leg. em inglês. M/16

Domingo 22 setembro
Sala 3, 21h30



Parque de Diversões

Figuras anónimas percorrem as ruas de Belo Horizonte em busca de encontros, até que uma delas rompe o portão gradeado do Parque Municipal da cidade e começa a explorar os seus caminhos. Este território proibido é, então, semeado pelo imperativo do desejo.

Ricardo Alves Jr. (Brasil, 2024, 73')
Fic. VO portuguesa, leg. em inglês. M/18

Quinta-feira 26 setembro
Sala Manoel de Oliveira, 22h00

Sexta-feira 27 setembro
Sala Manoel de Oliveira, 16h00



Competição Queer Art

The People's Joker

Uma aspirante a palhaço, a braços com a sua identidade de género, combate um super-herói fascista quando se muda para Gotham City, para vingar como comediante.

Vera Drew (EUA, 2022, 95')
Fic. VO inglesa, leg. em inglês. M/16

Sexta-feira 27 setembro
Sala 3, 18h30



Sofia Foi

Sofia encontra-se num momento de vulnerabilidade após ter de deixar o apartamento onde estava hospedada. Entre a vida académica e a necessidade de apoio, a jovem decide esquivar-se das obrigações universitárias para trabalhar como tatuadora no campus. A noite cai e ela permanece à deriva, sozinha, entre os espaços da Universidade de São Paulo.

Pedro Geraldo (Brasil, 2023, 67')
Fic. VO portuguesa, leg. em inglês. M/16

Sábado 21 setembro
Sala 3, 21h30

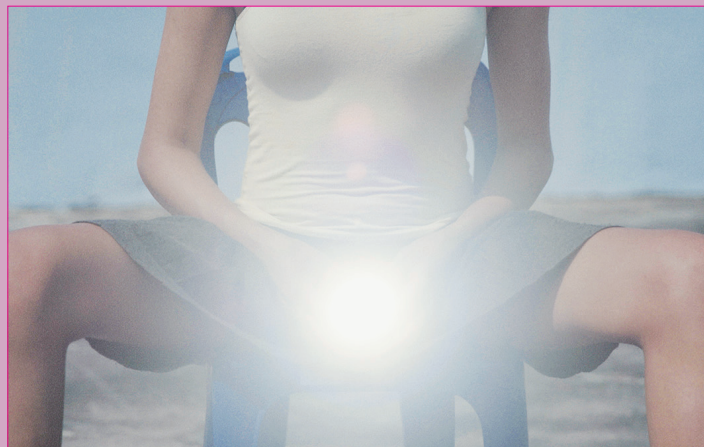


Trans Memoria

Victoria olha para trás no tempo de modo a compreender a sua transição e o que a define como mulher. Tendo perdido uma amiga próxima, partilha a sua dor e a sua experiência corporal com Athena e Aamina, elas próprias nas suas jornadas de transição. Juntas, exploram quem eram então e quem são hoje, escutando os fantasmas do passado, as gargalhadas do presente e os sussurros do futuro.

Victoria Verseau (Suécia, França, 2024, 72')
Doc. VO sueca, inglesa e francesa, leg. em inglês. M/16

Terça-feira 24 setembro
Sala 3, 21h30



Close to You

No aniversário do seu pai, Sam embarca numa viagem que não quer necessariamente fazer. Sam não tem voltado a casa desde a sua transição. Após quatro anos em Toronto, onde vive no seio de uma comunidade da qual sente que finalmente faz parte, este retorno à sua cidade natal significa enfrentar tensões emocionais por resolver. O contexto familiar que acorda feridas não resolvidas e uma paixão antiga que despoleta recordações e sentimentos por explorar. Bastante próxima da história pessoal de Elliot Page, Dominic Savage realiza este filme que nos traz a representatividade necessária de pessoas trans. As histórias de Sam/Page são transversais a muitas (demasiadas talvez) da comunidade LGBTQIA+, onde a procura pelo lugar de poder ser implica um rasgar com um passado que não se quer recordar, com contextos familiares que não se querem revisitar por serem responsáveis por traumas que levam uma vida inteira a resolver. *Close to You* estreou no Toronto International Film Festival, e depois de Londres (BFI) e Nova Iorque (NewFest Pride), chega ao Queer Lisboa para podermos assistir de perto. D.P.

Dominic Savage (Canadá, Reino Unido, 2023, 100')
Fic. VO inglesa, leg. em português. M/16

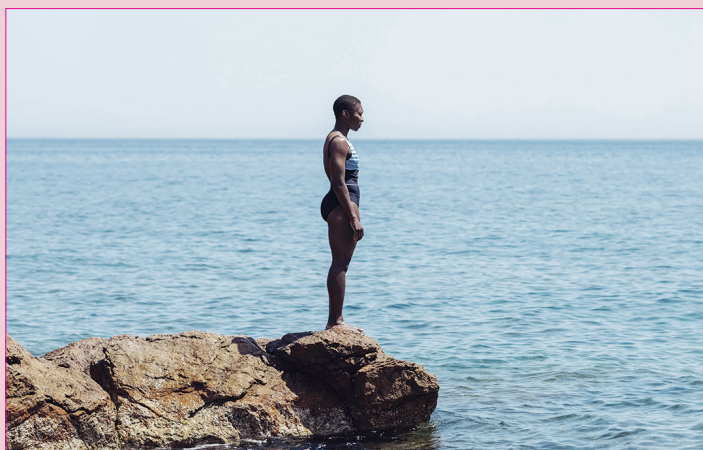


Sexta-feira 27 setembro
Sala Manoel de Oliveira, 19h00

Drift

Numa estância balnear do arquipélago grego, acontece o encontro improvável: entre Callie, americana rendida ao mediterrâneo e guia turística, e Jacqueline, filha culta de um dirigente político africano destruído pela juventude em revolta. São dois modos inconfundíveis de deixar a pátria, duas formas de vida com pouco em comum – a experiência do lazer e do desafogo face a um quotidiano de fome, ilegalidade e assombrações. Com um olhar compassado e nunca invasivo, o filme permeia a afinidade entre ambas com surtos da vida anterior de Jacqueline, em Londres e na Libéria, onde usufruiu de privilégios e recebeu severas punições. É uma ficção possível e um retrato do mar mediterrâneo dos nossos dias, onde convergem o turismo de massas e milhares de anónimos portadores de traumas de guerra. C.C.H.

Anthony Chen (França, Reino Unido, Grécia, 2023, 93')
Fic. VO inglesa e grega, leg. em inglês e português. M/16



Sábado 21 setembro
Sala Manoel de Oliveira, 19h00

Éviction

No Centro-Sul de Montreal, a rua Parthenais está prestes a mudar. Um dos seus edifícios começa a esvaziar-se para receber novos donos. A comunidade que gravita em torno dele – inicialmente de inclinação anarquista, por fim sobretudo queer – abre as portas, fala já com nostalgia, procura alternativas, faz a ponte entre o íntimo e o político: é que ao mesmo tempo que o Canadá desenvolve um plano nacional de fomento à habitação, o capitalismo atua de forma anónima e veloz e muda o rosto das cidades, desalojando inquilinos e organizações não-governamentais. A partir de um conjunto de entrevistas a antigos e atuais moradores e de fragmentos do seu quotidiano, Mathilde Capone escreveu, produziu e realizou este documentário que convida à reflexão sobre como se faz e desfaz uma casa, num quadro mundial de novos êxodos forçados e novas periferizações. C.C.H.

Mathilde Capone (Canadá, 2024, 72')
Doc. VO francesa, leg. em inglês. M/16



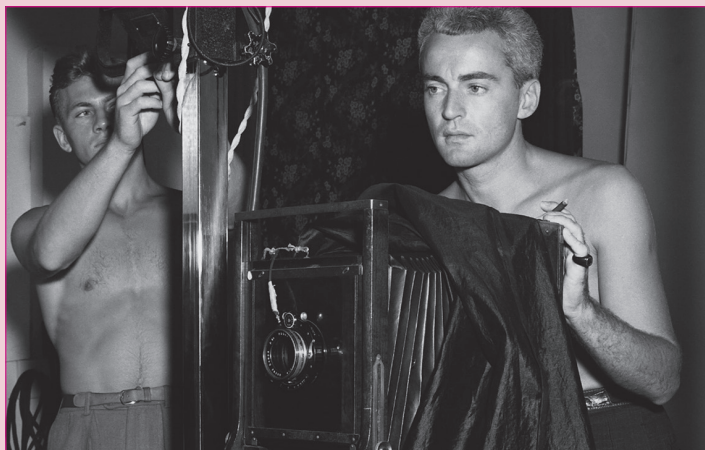
Sábado 21 setembro
Sala 2, 18h00

Panorama

Hidden Master: the Legacy of George Platt Lynes

Nascido na Nova Jérсия, em 1907, George Platt Lynes aspirava ser escritor, e aos 18 anos vai para Paris onde conhece Gertrude Stein e Man Ray. Regressa para estudar em Yale, mas poucos meses depois, em 1926, muda-se para Nova Iorque, onde descobre a fotografia, e começa a retratar celebridades, passando depois para o seu extravagante trabalho com a moda – onde não era alheia a sua influência surrealista. No entanto, a sua paixão estava num lugar mais obscuro: o nu masculino e o sexo. Esse trabalho, radicalmente explícito para a época, só recentemente começou a ser descoberto e apreciado, tendo sido uma influência determinante no trabalho de fotógrafos contemporâneos como Herb Ritts ou Robert Mapplethorpe. Focando sobretudo esta face mais desconhecida do trabalho de Lynes, *Hidden Master: the Legacy of George Platt Lynes* traça de forma sublime o paralelo entre o modo como o fotógrafo vivia a sua sexualidade e como plasmou esse desejo num conjunto de fotografias, muitas delas até hoje vedadas ao público, por indicação do próprio, antes da sua morte, aos 47 anos. J.F.

Sam Shahid (EUA, 2023, 96')
Doc. VO inglesa, leg. em português. M/16



Domingo 22 setembro
Sala Manoel de Oliveira, 22h00

Teaches of Peaches

Artista e música, Peaches é um ícone feminista responsável por deixar uma marca indelével na cultura popular, como confirma esta mistura de materiais de arquivo, entrevistas e explosivas imagens da digressão de aniversário do seu álbum "The Teaches of Peaches". Como música, produtora e performer, Merill Nisker quebrou estereótipos de género e estruturas de poder patriarcais na música pop, abrindo caminho para muitas que se seguiram. Com humor cortante, ela sempre defendeu os direitos LGBTQI+ e abordou questões de género e identidade sexual, deixando uma marca indelével na cultura popular. Mais do que um documentário, eis aqui um tributo a uma artista e personalidade marcantes: uma pioneira do feminismo queer, interseccional e *sex-positive* que, em tempos de fama efêmera e reconhecimentos baratos, tem permanecido fiel a si mesma ao longo de duas décadas. C.R.

Philipp Fussenegger, Judy Landkammer (Alemanha, 2024, 102')
Doc. VO inglesa e alemã, leg. em português. M/16



Terça-feira 24 setembro
Sala Manoel de Oliveira, 19h00

© Bell Media Inc.

The Visitor

Bruce LaBruce propõe uma releitura do *Teorema* (1968), de Pasolini, onde o cineasta faz uma crítica aos costumes da burguesia. Terence Stamp interpretava o "convidado" que, um a um, seduzia os membros da família e, ao partir, deixa neles um enorme vazio existencial. Nesta reinterpretação de LaBruce, o "convidado" é um refugiado negro que dá à costa, nu, dentro de uma mala, nas margens do Tamisa. Num Inglaterra fortificada à imigração, o enigmático e sexualmente fluido estrangeiro aparece à porta de uma família burguesa. Seduz a empregada que, querendo-o por perto, apresenta-o aos patrões como seu sobrinho, acabando este por ficar aí a trabalhar. Um a um, o "convidado" seduz e faz sexo com mãe, pai, filho e filha, mergulhando-os num delírio sexual pintado a azul e regado de fluidos, e promovendo o incesto como derradeiro ato revolucionário. No final, o pai verbaliza esta revolução, quando diz ao "convidado": "Tu colonizaste o colonizador" e cada membro da família sofre uma transformação espiritual e sexual, quando também o "convidado" parte inesperadamente. J.F.

Bruce LaBruce (Reino Unido, 2024, 101')
Fic. VO. inglesa, leg. em português. M/18



Quarta-feira 25 setembro
Sala Manoel de Oliveira, 22h00

Queer Focus: Resistência Queer

Cuidado e pertença

Daniel Pinheiro

“Um estado cuidadoso é aquele onde as noções de pertença estão sustentadas no reconhecimento das nossas interdependências mútuas, em vez de na identidade étnico-cultural e nas fronteiras racializadas, defendidas em nome da segurança nacional. É aquele em que a provisão de todas as nossas necessidades básicas é garantida, enquanto, ao mesmo tempo, procura assegurar um meio ambiente saudável e reforça uma democracia participativa a todos os níveis.” – The Care Collective

(Andreas Chatzidakis, Jamie Hakim, Jo Littler, Catherine Rottenberg e Lynne Segal), *The Care Manifesto: The Politics of Interdependence*. Verso, 2020 (p. 59).

Para poder falar de resistência é sobretudo necessário falar de alternativas. Alternativas propostas através de um repensar o mundo em que vivemos pela força da criatividade. Numa sociedade altamente fragmentada como a atual, a visão proposta pelo ‘The Care Collective’ oferece precisamente isso. Algo que não devia ser uma utopia, mas sim um modelo que se sustenta na mutualidade onde todas as pessoas são tidas em conta da mesma maneira. Uma visão que contrasta com o modelo vigente que, por sua vez, expropria e exclui, justificando-se disfarçadamente como patriotismo. Assim, podemos olhar como através do cinema queer, artistas utilizam o meio como ferramenta para resistir às forças opressoras.

Na sociedade atual, o papel da arte, e do cinema em particular, como forma de resistência não pode ser deixado de lado. O cinema tem sido um meio através do qual ideias subversivas e vozes de grupos marginalizados têm encontrado a sua expressão. A necessidade de enfrentar problemas sistêmicos que colocam em causa a vivência de um determinado grupo de pessoas implica a resistência, nomeadamente da comunidade queer que, historicamente, tem sido alvo de marginalização pelas estruturas de poder que ditam normas no sentido de instalar uma hegemonia.

Olhando para a definição de James C. Scott (1985), o enquadramento da resistência é moldado pelas próprias instituições que procuram reprimi-la (Scott, 1985, p.299). Esta perspetiva ajuda-nos a entender a diversidade de filmes apresentados neste programa, cada um representando respostas para formas de repressão específicas a partir de vários contextos políticos e sociais. Estes filmes, no seu conjunto, procuram refletir sobre as realidades políticas enfrentadas pela comunidade queer a partir de várias geografias. A breve incursão sobre a análise¹ de Scott sobre resistência permite-nos olhar para ela também enquanto atos quotidianos de revolta contra a opressão sistémica; algo bastante comum na comunidade queer onde todos os dias são pequenos atos de transgressão que constituem o trabalho de desafiar as normas sociais. Estes atos são particularmente relevantes numa era de regressão social que vai em direção ao autoritarismo e ameaça a liberdade de expressão e diversidade cultural. O contexto global, marcado por uma crescente polarização e conservadorismo, é uma ameaça a todas as comunidades marginalizadas e destaca a importância de uma forte resistência contra este movimento. Neste sentido, a secção do Queer Focus da 28ª edição do festival, é um alerta e uma homenagem; um cinema de urgência, com um apelo particularmente ativista, nos dias de hoje, face à ascensão das extremas-direitas, aos distúrbios sociais e culturais e às invasões militares que sofrem, especificamente, as sociedades de países onde vidas e direitos são postos em causa. Os filmes aqui apresentados abordam temas críticos como fronteiras, zonas de conflito, e o impacto de ideologias políticas extremistas, particularmente em regiões como a Europa de Leste e Médio Oriente. Com destaque para a realidade vivida pelas populações LGBTQI+ em países como o Kosovo, Palestina, Chipre, Ucrânia ou Hungria – regiões onde a instabilidade política coloca em risco a vida de pessoas marginalizadas. A resistência queer, como todas as formas de

resistência, é multifacetada e derivada do seu contexto. As intervenções artísticas aqui apresentadas são um esforço deliberado para confrontar e questionar as condições de imposição pelo exatamente oposto ao que um “estado cuidadoso” deveria ser. Estas expressões são vitais não só pelo seu impacto imediato, mas pelo seu papel em abrir diálogo sobre direitos, identidade e liberdade.

Olhemos então para o programa: numa coprodução entre a Hungria, Roménia e Croácia chega-nos *Fairy Garden*, de Gergő Somogyvári, um documentário rodado nos limites de Budapeste, no meio dos bosques, onde uma pessoa transgénero encontra família junto de um velho sem-abrigo e os preconceitos são deixados de parte na construção de uma relação, para enfrentar as contrariedades de viver à margem. Da Ucrânia, três curtas-metragens oferecem-nos perspetivas sobre valores homofóbicos impostos pela ocupação russa e sobre o ambiente de guerra. Anton Shebetko traz-nos imagens de arquivo de/em *Simeiz*, uma pequena localização na costa sudeste da Crimeia e um antigo lugar seguro para pessoas queer se encontrarem e que está em risco de desaparecer enquanto tal devido a leis impostas desde a ocupação territorial. Hanna Trofimova traz-nos *Lines*, onde dá voz a quem foi forçado a tomar a decisão de ficar ou sair, investigando assim as consequências da guerra na deslocalização de pessoas dos seus lugares ou as concessões necessárias para ficar. Finalmente, Angelika Ustymenko – ativista pertencente ao grupo ‘Queer Rebels’ – apresenta *Queer Fighters of Ukraine*, um documentário que é uma representação íntima sobre a guerra através das vozes da comunidade queer local que procura continuar a lutar pela igualdade. Do Chipre chega-nos *Overcoming*, de Besire Paralik, onde se reflete sobre o impacto das fronteiras rígidas que mantêm as pessoas afastadas e se foca nas suas lutas, através de movimentos feministas e LGBTQI+, em fomentar a união e a proximidade. Para construir um programa como este era impossível não olhar para o que outras organizações também dedicadas ao cinema estão a fazer e, como resultado disso, surge a parceria com as plataformas ‘Cinema Política’ e ‘Queer Cinema for Palestine’ trazendo a sua iniciativa *Foggy: Palestine Solidarity, Cinema & The Archive*, um conjunto de curtas-metragens que propõem reflexões híbridas de montagem, justaposição, reconstituição e diálogo, explorando o tema da solidariedade com a Palestina. Filmes de Mike Hoolboom, Annie Sakkab, Hadi Moussally e Amy Gottlieb – ativista recentemente falecida a quem o programa está dedicado –, fazem parte de uma mostra que questiona como as memórias familiares podem informar a solidariedade, como arquivos privados podem tornar queer as histórias públicas, ou como fotografias de ontem podem vir a tornar-se nas imagens do amanhã. Para concluir, uma sessão composta de várias curtas-metragens em diálogo para dar contexto a uma reflexão mais ampla sobre liberdade: uma viagem a alta velocidade pelas estradas de Kiev na urgência de um encontro romântico, em *It's a Date*, de Nadia Parfan; a sexualidade e emoções são centrais na cena *underground* do Kosovo através do retrato feito em *Four Pills a Night*, de Leart Rama; a identidade cultural Palestiniana trazida e questionada em *A'lam*, de Saleh Saadi; desejo e música são sinais de fantasiosa esperança na zona desmilitarizada do Chipre, em *Buffer Zone*, de Savvas Stavrou. Todos estes títulos são propostas para continuar a pensar alternativas em função de uma sociedade mais justa e igual. Este programa é uma necessidade de assumir, mais uma vez e proposadamente, um compromisso em honrar a coragem e criatividade daqueles que persistem em resistir e desafiar, apesar das adversidades.

¹James C. Scott, *Weapons of the Weak: Everyday Forms of Peasant Resistance*. Yale University Press, 1985.

Queer Focus: Resistência Queer

Domingo 22 setembro • Sala 2, 18h00

Cinema Política Shorts (83') “Foggy: Palestine Solidarity, Cinema & The Archive”

Sultana's Reign

Refletindo sobre a sua vida na Jordânia, no Egito, Líbano, até Nova Iorque, Sultana fala-nos dos desafios de atuar como drag em sociedades conservadoras, da sua nostalgia pelos dias de glória, do glamour dos ícones do cinema egípcio, e da sua luta em provar a sua existência e a sua autoexpressão como performer e como artista.

Hadi Moussally (Líbano, 2023, 10') • Doc. curto. VO árabe, leg. em inglês. M/16

Homecoming Queenz

Uma insubordinada drag palestina confronta os seguranças aduaneiros do aeroporto Ben Gurion, em Israel.

Elias Wakeem (Palestina, 2023, 11') • Doc. curto. VO árabe, leg. em inglês. M/16

Tempest in a Teapot

Um vídeo sobre a mãe de Amy Gottlieb e sobre as suas atividades políticas radicais.

Amy Gottlieb (Canadá, 1987, 4') • Doc. curto. VO inglesa, s/ legendas. M/16

Khobs & Chai

Uma conversa em *stop motion* com uma avó querida.

Noor Gatih (Canadá, 2021, 4') • Doc. curto. VO árabe, leg. em inglês. M/16

Nazareth

Um regresso ao fatídico ano de 1948 em Israel, reenquadrado por uma única fotografia que vai focando um rosto de cada vez. Quatro figuras numa encosta testemunham a sociedade revolucionária, o novo estado, a nova lei. Como tantos outros momentos de catástrofe, este está repleto de silenciamentos e fantasmas. Como falar daquilo que não se pode verbalizar, como mostrar o que não se vê?

Mike Hoolboom (Canadá, 2021, 7') • Doc. curto. VO inglesa, s/ legendas. M/16



My Whole Heart Is with You

Imagens manipuladas de um dos discursos árabes mais icônicos e comoventes do Século XX: o discurso de renúncia do presidente egípcio Gamal Abdel Nasser, proferido após a derrota de 1967.

Essa Grayeb (Palestina, 2022, 9') • Curta Exp. S/ diálogos. M/16

Even a Dog in Babylon Is Free

Inspirada numa carta escrita no século VII a.C. pelos babilônios ao rei assírio Assaradão, na qual exigem direitos iguais aos estrangeiros na sua cidade, assistimos a uma encenação radical de debates, dúvidas e solidariedade.

Lior Shamriz (EUA, 2024, 18') • Curta Exp. VO inglesa e árabe, leg. em inglês. M/16

The Poem We Sang

Uma meditação sobre o amor e a saudade - o amor da família e a saudade do lar, contemplados através da superação do trauma da perda da casa familiar e da migração forçada, transformando os arrependimentos de uma vida inteira numa jornada de cura, de catarse criativa e de testemunho.

Annie Sakkab (Canadá, Palestina, Jordânia, 2024, 20')

Doc. curto. VO árabe, leg. em inglês. M/16

Segunda-feira 23 setembro • Sala 2, 18h00

Fairy Garden

Nos arredores de Budapeste, no coração da floresta, esconde-se uma pequena casa degradada. No interior, duas pessoas marginalizadas formaram o mais improvável dos laços. Fanni, uma adolescente transgénero de 19 anos, e Laci, um sem-abrigo de 60, apoiam-se mutuamente através de dificuldades e mudanças.

Gergő Somogyvári (Hungria, Roménia, Croácia, 2023, 83')

Doc. VO húngara, leg. em inglês. M/16

Queer Focus: Resistência Queer

Terça-feira 24 setembro • Sala 2, 18h00

Ukrainian Shorts (88')

Lines

Três histórias de pessoas da comunidade LGBTQI+ ucraniana, unidas por uma linha de guerra: um voluntário e ativista de Zaporizhia que permaneceu na sua cidade natal; um casal que deixou Irpin com o seu gato e mudou-se para Berlim; e um fotógrafo que se tornou um deslocado interno, junto com os seus pais.

Hanna Trofimova (Ucrânia, 2023, 40') • Doc. curto. VO ucraniana, leg. em inglês. M/16

Queer Fighters of Ukraine

Antes da invasão russa, o coletivo subversivo Rebel Queers desafiava o mundo heteronormativo e patriarcal que tanto os sufocava, rabiscando slogans queer nas paredes de Kiev. Quando o seu país e a sua comunidade foram atacados, decidiram documentar as experiências das pessoas queer ucranianas durante a guerra.

Angelika Ustyenko, Alex King (Ucrânia, 2024, 30')
Doc. curto. VO ucraniana, leg. em inglês. M/16

Simeiz

Simeiz é uma pequena vila na costa sul da Crimeia, temporariamente ocupada pela Rússia. Na era soviética, a vila tornou-se num resort gay marginal. Tudo começou com uma pequena praia de nudismo; o popular bar e discoteca Hedgehogs apareceu mais tarde, já na Ucrânia independente. A partir da década de 1990, Simeiz tornou-se um importante ponto de encontro para membros da comunidade LGBTQI+ da Ucrânia, Bielorrússia e Rússia.

Anton Shebetko (Ucrânia, 2022, 18')
Doc. curto. VO ucraniana, leg. em inglês. M/16

Quarta-feira 25 setembro • Sala 2, 18h00

Overcoming

Com recurso a diversas entrevistas, o filme conta a história da divisão do Chipre a partir de uma perspetiva feminista queer; explora como a abertura e o encerramento dos postos de controlo, enquanto únicas passagens entre norte e sul, tiveram impacto na vida dos cipriotas, ao mesmo tempo que revela as suas lutas contra a divisão em curso da ilha, e os seus esforços por alcançar um futuro mais unido.

Besire Paralik (Chipre, 2023, 58')
Doc. VO inglesa, turca e grega, leg. em inglês. M/16



Quinta-feira 26 setembro • Sala 2, 18h00

Queer Resistance Shorts (71')

It's a Date

Kiev em 2022. Um carro a alta velocidade atravessa a cidade ao amanhecer. Emoções num estado de emergência causado pela guerra.

Nadia Parfan (Ucrânia, 2023, 5') • Fic. curta. S/ diálogos. M/16

Four Pills at Night

Com um filme para rodar num futuro próximo, um realizador desenvolve algo mais do que um vínculo profissional com o seu ator. Quando vão juntos a uma rave, as coisas tomam um rumo inesperado.

Leart Rama (Kosovo, Suíça, 2021, 25') • Fic. curta. VO albanesa, leg. em inglês. M/16

A'lam

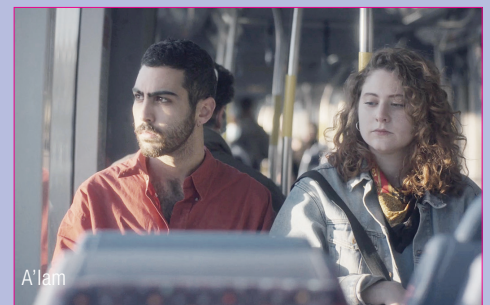
Nassim visita a sua melhor amiga May, antes de esta se mudar para os Estados Unidos. Passam a sua última noite juntos, em Jerusalém. Os acontecimentos dessa noite trazem à tona a complexidade da sua amizade.

Saleh Saadi (Palestina, 2022, 25') • Fic. curta. VO árabe, leg. em inglês. M/16

Buffer Zone

Dois jovens soldados, em lados opostos da fronteira inimiga, apaixonam-se e encontram um escape aos seus respetivos contextos opressivos, através da música.

Savvas Stavrou (Chipre, Reino Unido, 2022, 16')
Fic. curta. VO grega e inglesa, leg. em inglês. M/16



Hard Night: Lazare Lazarus

O Queer Lisboa dedica uma noite hard ao realizador francês Lazare Lazarus. Residente em Marselha, prostituto e jardineiro, no seu trabalho, Lazarus conta-nos a história dos nossos desejos mais complexos, misturando as paisagens de Marselha com invenções eróticas extraídas dos arquivos da Mémoire des sexualités, associação onde trabalha há vários anos. Com as praias e ilhas da cidade francesa como pano de fundo, os seus filmes inscrevem-se no movimento EcoQueer, que tem conhecido enorme expressão nos últimos anos, particularmente em França, onde autores como Cy Leclerc Maulpoix têm teorizado esta relação das identidades e sexualidades queer com a natureza, além de fazerem um importante resgate da memória através da divulgação de figuras pioneiras do movimento, nomeadamente a do britânico Edward

Carpenter (1844-1929). Em *Mont Rose* e *Frioul*, Lazare celebra o EcoSex, contra o capitalismo e a tecnologia, na defesa do corpo e do prazer em presença real, no desejo expresso ao limite, no consentimento e na partilha. Em Marselha, Lazare também coorganiza festas BDSM no Mineshaft, um clube de leather fetichista da cidade, que abriu portas em 1967. *Les fantômes du hard*, a outra proposta que aqui deixamos, é um surpreendente mergulho nos arquivos deste clube, que no passado foi palco de um conjunto de produções de filmes pornográficos, sobretudo de produção norte-americana. Um filme-resgate do desejo queer que se inscreve no impulso arquivista que tanto tem dominado a produção audiovisual queer deste novo século, num gesto fundamental de liberdade e celebração das sexualidades queer. J.F.

Curtas Lazare Lazarus (67')

Sexta-feira 27 setembro • Sala 2, 22h30

Mont Rose

Suspensos no verão, entre agaves e suculentas, acasalamos, engatamos, masturbamo-nos nas fendas minerais do calcário. Mais acima, entre pinheiros e relíquias militares, nos vapores da seiva e do esperma, há rapazes à espreita, prontos para atacar. Outros, sentados em mirantes, observam atentamente a procissão.

Lazare Lazarus (França, 2019, 8')
Doc. S/ diálogos. M/18

Les fantômes du hard

Feito a partir de fitas porno VHS do Mineshaft, um clube fetichista gay, aberto em Marselha desde 1967, este filme penetra nos corredores subterrâneos das nossas sexualidades mais conturbadas e perversas, em direção às raízes dos nossos imaginários BDSM, de modo a nos reencontrarmos com as genealogias sexuais.

Lazare Lazarus, Lupa Charon Gateff (França, 2024, 26')
Doc. VO francesa, leg. em inglês. M/18

Frioul

Nas Ilhas Frioul, dois amigos errantes confrontam a paisagem. Entre gaivotas e agaves, sobre o calcário ardente, exploram os seus desejos.

Lazare Lazarus, Antoine Vazquez (França, 2023, 33')
Doc. VO francesa, leg. em inglês. M/18



Les fantômes du hard



Frioul



Mont Rose

Retrospectiva William E. Jones

Arte, política e pornografia em William E. Jones

João Ferreira

Nascido em 1962, na cidade de Canton, no Ohio, residindo há várias décadas em Los Angeles, William E. Jones tem trabalhado em cinema, vídeo, fotografia e pintura, tendo-se destacado também como ensaísta e romancista, além de defensor e frequente colaborador de edições marginais como *zines* ou editoras literárias independentes. Transversal a toda a sua obra está um impulso arquivista, o qual, aliás, ganha enorme expressão neste novo século, particularmente dentro da cultura queer. Um impulso que, não sendo necessariamente saudosista, não deixa de carregar em si uma certa nostalgia que ganha hoje especial força face à ascensão das extremas-direitas e de um capitalismo desenfreado. Um olhar aos tempos das relações humanas, do toque e do desejo, a partir de um tempo presente onde impera a distância, o individualismo e a ausência de empatia, o arquivo celebra um sentido de comunidade e resgata o corpo e a sexualidade.

Na sua introdução a uma reedição de 2015 do livro “Cruising the Movies: A Sexual Guide to Oldies on TV”, de Boyd McDonald, uma compilação dos magníficos e surpreendentes escritos sobre cinema deste autor norte-americano, Jones cita Boyd quando este afirma que o seu livro “não é estritamente sobre filmes; antes usa-os frequentemente como desculpa para comentários políticos, sociais, sexuais, psicológicos, biográficos e autobiográficos.”¹ Do mesmo modo, Jones usa o material audiovisual e fotográfico de arquivo para reinterpretar e recontextualizar alguns dos temas que mais o fascinam: a decadente arquitetura e urbanismo industrial do Midwest americano, os arquivos militares e a máquina de propaganda estatal do tempo da Guerra Fria ou da Guerra do Vietname, a vigilância e a repressão policial, o comunismo e o Bloco de Leste, e muito notavelmente a produção de pornografia na Europa pós queda do muro de Berlim, e nos EUA no período pré epidemia da sida. Cruzando arte, política e pornografia, Jones trabalha um olhar democrático e filosófico sobre a imagem em movimento e a fotografia, pondo em diálogo o cinema e o vídeo, a publicidade e o filme estatal, o registo de serviços secretos e a videovigilância. E através destas imagens, pensa qual é o lugar e o papel daqueles que vivem nas margens, estejam estes indivíduos e comunidades representados nessas imagens,

sejam eles a produzi-las, ou estejam delas simplesmente ausentes.

O cinema de Jones celebra imagens secundárias, pobres, negligenciadas, e através delas exalta os seus heróis marginais e desconhecidos. Mas o seu é também um cinema de afetos, ligado a essa nostalgia de um tempo perdido que já não existe. Um cinema que celebra o grão, os químicos da revelação, o defeito e o corte, num tempo em que o digital procura o acabamento perfeito e acético. Jones resgata estas imagens, olha-as a partir do presente, permitindo que elas viagem a diferentes geografias e a tempos futuros dos contextos políticos, sociais e culturais de produção, em que foram fixadas. Este impulso arquivista dentro da cultura queer terá várias motivações, como aquelas aqui já avançadas que dizem respeito a uma certa nostalgia e tentativa de compreender o presente através do nosso passado. Mas há um fator histórico que lhe é central e importa realçar: a epidemia da sida e o que ela significou em termos do apagamento de vidas, memórias e obras. Assim como o conseqüente trauma de toda uma geração de pessoas queer que lhe sobreviveu. Daí, numa primeira fase, este impulso arquivista ter-se focado num resgate das gerações pré epidemia e na sua forma de representar e viver o desejo queer. O impulso arquivista é, deste modo, também uma reação ao *mainstream* e a uma certa homonormatividade na qual muitas das produções culturais queer caíram em décadas recentes, e que sobretudo sofrem de uma enorme sub-representação das realidades mais alargadas destas pessoas. Muito à semelhança do que fez o movimento do New Queer Cinema nos anos 1990, o impulso arquivista, juntamente com uma certa contracultura queer dos dias de hoje, largamente alimentada pelos radicais e necessários ativismos LGBTQI+, são uma reação a esse *mainstream* assimilado, voltando-se antes para um lado mais complexo e verdadeiro das identidades e vivências queer.

William E. Jones produz uma obra, e com ela um pensamento político, que inevitavelmente o atiram para a marginalidade dos circuitos das artes visuais, do cinema ou da literatura. É uma obra anti-mercado, antissistema e anticapitalista, que se passeia nas traseiras e vielas com cheiro a mijo, e onde os homens se engatam. É uma obra que evoca os valores de esquerda, da igualdade, da liberdade sexual e da empatia; é, em última instância, uma obra das utopias perdidas, da procura de sobrevivência individual e comunitária, num mundo onde o renascimento do imperialismo, onde o capitalismo e o individualismo narcísico ameaçam a sobrevivência dos valores da contracultura.



Tearoom

© Courtesy of William E. Jones and David Kordansky Gallery

¹Boyd McDonald, “Cruising the Movies: A Sexual Guide to Oldies on TV” [1985]. South Pasadena: Semiotext(e), 2015, p.8

Retrospectiva William E. Jones

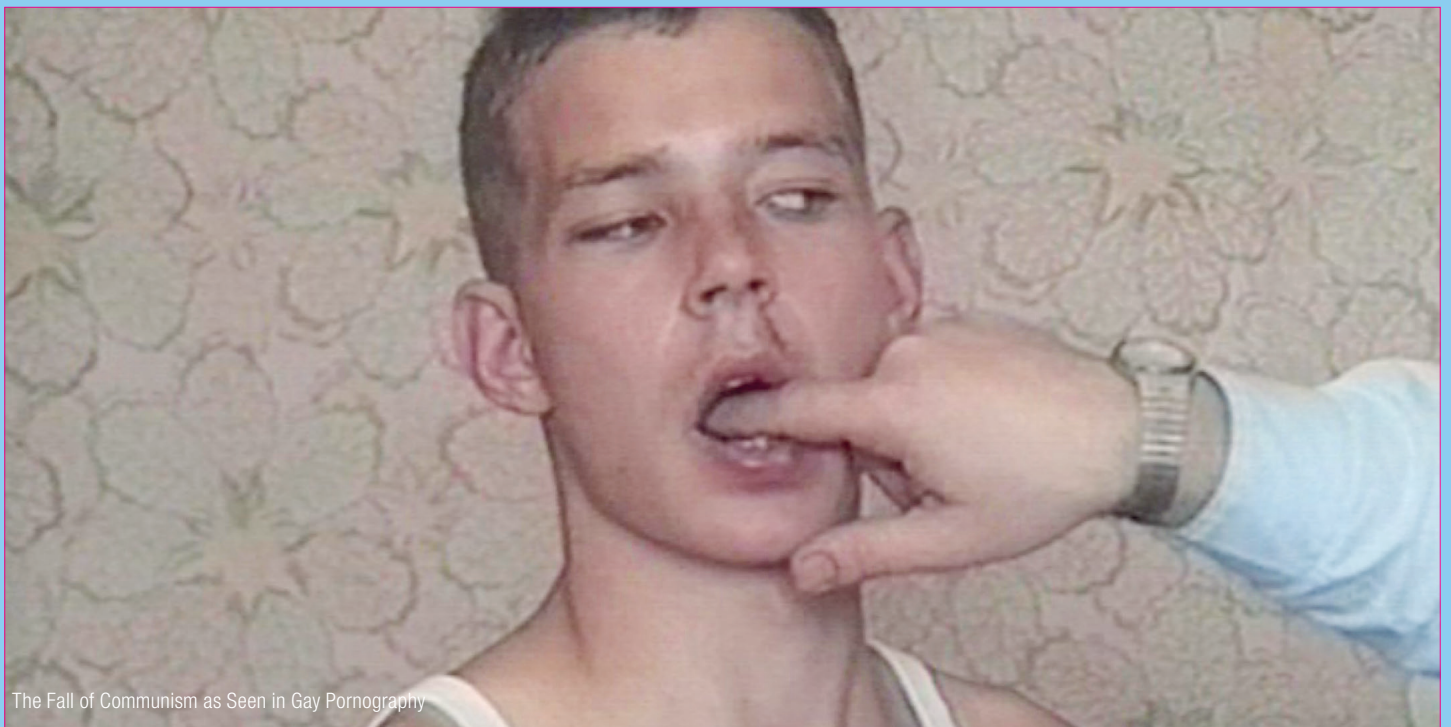
Compreender a obra de Jones em toda a sua complexidade e idiossincrasia política, sexual, filosófica e estética, é impossível – ou ficará sempre coxa de sentido –, sem termos em conta o seu tempo e lugar: a Los Angeles desde os tempos da contracultura até à sua absoluta gentrificação.

Melhor do que ninguém, foi o próprio Jones quem nos ofereceu o mais exaustivo olhar sobre o seu trabalho e procura de compreensão do mesmo. Ou antes, foi o próprio quem talvez sentiu a necessidade de o pensar, arrumar, conferir-lhe esse tal sentido e urgência neste mundo. E fê-lo, seguramente, do modo mais desafiante e surpreendente: através da escrita de uma trilogia de novelas. “I’m Open to Anything” (2019), “I Should Have Known Better” (2021) e “I Didn’t See It Coming” (2023), todas pela mão da editora independente We Heard You Like Books, contam-nos a história narrada na primeira pessoa, de um rapaz gay, do Midwest, que desemboca na Los Angeles dos anos 1980, acompanhando a sua vida nesta cidade no decorrer das duas a três décadas seguintes. O protagonista nunca é nomeado, nunca lhe aprendemos o nome, embora a sua melhor amiga, Moira, por graça, o chame de “Guillermito”² numa carta que lhe dirige, escrita a partir do México, para onde se mudou entretanto. Também o protagonista está a escrever um livro, e quando questionado por Moira sobre do que se trata, ele responde que “[e]u chamá-lo-ia de autoficção, mudo os nomes.”³ E esta é, precisamente, uma trilogia de autoficção do próprio William E. Jones, com cruzamentos evidentes com a sua biografia. Por comodidade, vamos chamar ao nosso protagonista de G.

Os filmes que integram esta retrospectiva do cinema de William E. Jones, estão plasmados nas palavras de G ao longo das três novelas. O primeiro livro, “I’m Open to Anything”, abre com esta declaração do nosso narrador: “O meu lugar de nascimento não era de modo algum um lugar, mas antes um vácuo que eu temia me envolvesse no nada, se eu não engendrasses um plano para escapar dali.”⁴ Obra imbuída de uma qualidade metafísica e poética, *Massillon* (1991) é o filme mais pessoal de Jones. Nele, o realizador constrói a sua autobiografia visual, com recurso a um manancial de imagens onde a presença humana está ausente. Também ele uma trilogia, o primeiro segmento, “Ohio”, transporta-nos à cidade industrial que dá nome ao filme. Jones recorda o pai a filmar os lugares para onde iam de férias e de como a sua memória desses lugares é, hoje, mais a dessas imagens gravadas, do que a da sua experiência presencial nos mesmos. Fala-nos da sua educação católica, da culpa, do pecado, e da sua primeira experiência de

cruising numa estação de serviço, aqui ao som de um sermão religioso na rádio, sobre a Lei da Sodomia. São os anos Reagan. “The Law”, o segundo segmento, aprofunda a Lei da Sodomia e a perseguição aos homossexuais. Da primeira lei do género, criada em Inglaterra, no reinado de Henrique VIII, à “caça às bruxas” levada a cabo pelas autoridades policiais ao que as mesmas chamaram de um “movimento clandestino homossexual” na cidade de Boise, no Idaho. Já na “California”, segmento final, e para onde Jones se muda para viver numa comunidade à beira do deserto, o realizador disserta sobre a origem do termo “homossexual” no discurso científico do século XIX e de como a epidemia da sida trouxe de volta esta necessidade de categorização, com o objetivo de um controlo social sobre as pessoas queer. Anos depois, em *Youngstown / Steel Town* (2016), Jones propõe um exercício mais concetual nesse olhar ao Midwest, ao colocar em diálogo filmes de propaganda de 1944, que glorificavam a prosperidade desta cidade industrial, com imagens recentes desta mesma localidade que expõem a sua desolação. Também de forte pendor autobiográfico, e narrado pela voz do próprio Jones, *Fall into Ruin* (2017) conta a história da amizade do realizador com o *marchand* de arte grego, Alexander Iolas, falecido em 1987, vítima de complicações de sida, tendo sido um dos primeiros casos mediáticos de vítimas da epidemia na Grécia e largamente ridicularizado na imprensa, por tal. Primeira viagem de Jones fora dos EUA, a Grécia e Iolas são o cenário para um conjunto de reflexões em jeito de *coming of age* do realizador para o mundo da arte.

Já longe do seu Midwest natal, em Los Angeles, G mergulha no submundo gay e das populações migrantes e começa a construir a sua identidade sexual e a sua economia de desejo, o que ocupa grande parte do primeiro tomo da trilogia. Nessas experiências, e pela mão de Raúl, descobre os prazeres do *fisting*, tornando-se um perito na prática, enquanto ativo, descobrindo também o cinema, dos clássicos no New Beverly Cinema, à pornografia, de Fassbinder a Fred Halsted. Ao dar com um anúncio numa revista, onde um já envelhecido Halsted oferece os seus serviços de *escort*, G marca um encontro com o lendário realizador e ator, onde este lhe confessa: “[g]osto de fazer filmes de sexo porque isso me dá a oportunidade de expressar os meus pontos de vista.”⁵ Concluindo, “[e]stou interessado na satisfação emocional e intelectual – a minha.”⁶ Seu realizador-fetiche, Jones dedicou a Fred Halsted uma extensa biografia, “Halsted Plays Himself: Expanded Edition”⁷, ela mesma um extenso trabalho de arquivo



The Fall of Communism as Seen in Gay Pornography

²William E. Jones, “I Should Have Known Better”. Los Angeles: We Heard You Like Books, 2021, p.216

³Ibidem, p.15

⁴William E. Jones, “I’m Open to Anything”. Los Angeles: We Heard You Like Books, 2019, p.1

⁵Ibidem, “I Should Have Known Better”, p.65

Retrospectiva William E. Jones

e homenagem à pornografia gay masculina dos anos pré sida, e escolheu para filme central da *Carte Blanche* que lhe propusemos, *Sex Garage* (1972). Homenagem ao cinema pornográfico e a algumas das suas figuras centrais, como os realizadores Pat Rocco, Peter Berlin e, como não podia deixar de ser, Halsted – abrangendo os anos de 1968 a 1985 –, através de um processo de colagem e manipulação narrativa, Jones faz de *All Male Mash Up* (2006) uma ode ao desejo e às estéticas gay das duas décadas pré epidemia. Centrando-se na figura de um cowboy de nome Lucky, que nos conduz pela mão, o filme celebra o homoerotismo e a criação de uma dissidência queer no espaço heteronormativo, com a cidade de São Francisco como cenário de fundo. Mas a experiência com a disrupção narrativa, Jones leva-a mais longe com uma outra obra desse mesmo ano de 2006: *V.O.* Filme de pendor muito mais abstrato, Jones volta a recorrer aos arquivos da pornografia gay anterior a 1985, mas sobre estas imagens são sobrepostos áudios de clássicos do cinema não norte-americano, onde não falta o *Amor de Perdição* (1978), de Oliveira, ou uma entrevista de Jean Genet à BBC. Jones trabalha aqui a partir da extensão de cada cena, e não do seu conteúdo, num dispositivo fílmico que testa a nossa capacidade enquanto espectadores de construir um sentido narrativo para aquelas imagens. Dispositivo de tensão entre imagem e som que o realizador repete na curta *More British Sounds* (2006), desta feita com recurso a imagens de um único filme pornográfico – o *The British are Coming* (1986) –, com áudio do documentário *See You at Mao* (1969), de Jean-Luc Godard e Jean-Henri Roger, dando lugar a uma outra tensão, aquela entre o discurso reacionário e os excertos do “Manifesto Comunista”. Anterior a estes filmes marcadamente mais radicais e naquela que é seguramente uma das suas mais belas obras, em *Finished* (1997) Jones faz uma homenagem ao ator canadiano de filmes pornográficos, Alan Lambert, que se suicidou com uma arma, numa praça em Montreal, aos 25 anos, no que muitos julgam ter sido um ato político. Com base em entrevistas anónimas e construído como um *film noir*, uma história de detetives que procura reconstituir os seus passos e pensamento, *Finished* começa por esse olhar de Lambert num anúncio de linhas eróticas, passando pelos filmes que fez em Los Angeles, culminado no seu regresso ao Canadá e à carta de suicídio, onde fala do seu desejo por uma ideologia comunista e por uma sociedade anarquista. Em todo o filme, nunca vemos os atos sexuais, apenas o rosto de Lambert a confrontar o nosso olhar.

O nosso protagonista, G, depois de uma relação sobretudo sexual com Daniel, conhece um migrante mexicano, Temo, com quem continua a desenvolver as suas competências de *fister*. Temo trabalha na Libros Revolución, livraria de pendor esquerdista de Los Angeles, onde, mais tarde na ficção, G também acaba por trabalhar. Através dos muitos livros que Temo desvia da livraria, G fica obcecado pelas políticas e estéticas do bloco soviético e regimes comunistas, tecendo sobre isso extensas considerações no segundo tomo, “I Should Have Known Better”, como aquela em que narra, “[d]e forma a ocultar a disparidade entre utopia e vida real, os estados socialistas fabricaram as suas próprias realidades. A sua propaganda heroica tinha uma dimensão erótica jamais reconhecida oficialmente, e consequentemente, estas imagens peculiares, que quase toda a gente preferiu esquecer, eram de uma atração irresistível para mim.”⁸ No Clube de Vídeo onde trabalha, G começa a prestar especial atenção à pornografia gay que lhes chega do Bloco de Leste: “No decurso das semanas seguintes, trouxe emprestado um enorme conjunto de filmes rodados na Europa de Leste. Comecei a vê-los tentando perceber o que tinham em comum. Reparei de imediato que os atores, que tiveram rara ou nenhuma exposição à pornografia ocidental, fitavam constantemente a câmara.”⁹ Narrado por Jones, *The Fall of Communism as Seen in Gay Pornography* (1998) pega precisamente num conjunto de filmes pornográficos dos anos 1990 produzidos em cidades como Praga, Budapeste ou Moscovo, construindo-se uma reflexão em como, com a entrada do capitalismo, é agora preciso lidar com a tríade do dinheiro, sexo

e poder. Manipulados pela mão de um homem sempre mais velho, os rostos destes jovens fitam-nos através da câmara. E, ao fixar-nos nos seus rostos, Jones elabora uma outra narrativa, isenta de carga sexual, apenas um rasto de tristeza de uma beleza invulgar e desarmante. Nas palavras de G, “[o] efeito cumulativo destes rostos de expressão hostil e enojada, a pedirem orientações, ou talvez a pedirem mesmo ajuda, foi assoberbante.”¹⁰ Mais tarde, entre 2013 e 2015, Jones realiza um conjunto de pequenos filmes onde aborda estas temáticas do capitalismo, junto daquelas da propaganda estatal e da guerra. Quase a tocar o género do horror, *A Great Way of Life* (2015) faz uma subversão irónica da guerra imperialista e do capitalismo, ao imiscuir imagens da Guerra do Vietname com anúncios publicitários dos anos 1960. Exercício formal de efeito espantoso, *Model Workers* (2014) expõe-nos as representações iconográficas de trabalhadores da Europa, Américas, Ásia e África, através das ilustrações das notas de dinheiro, numa viagem em ordem inversa que termina no México em 1914. Já *Psychic Driving* (2014) denuncia as experiências médico-científicas levadas a cabo pela CIA, ao passo que *Actual T.V. Picture* (2013) leva-nos de volta ao Vietname, desta feita para nos desvelar os perigos da indústria da guerra. De forma a aprofundar o seu crescente interesse pela arte e em particular pelo audiovisual, G decide ingressar na Cal Arts, universidade de ensino artístico, localizada em Santa Clarita, subúrbio norte de Los Angeles. Aí, e entre outras personagens determinantes para o segundo e terceiro tomos da trilogia, conhece Gregorio, chicano oriundo do estado do Novo México, ávido colecionador de discos. De entre as suas obsessões musicais, estão os The Smiths. Inquirido sobre este seu gosto, Gregorio afirma “[n]ão compro nada lançado depois do The Queen is Dead”, e que “[o]s The Smiths mudaram a minha vida. Não sei se alguma vez os conseguirei perdoar por se terem separado tão cedo.”¹¹ Obra absolutamente singular no percurso de Jones, *Is it Really so Strange?* (2004) assume um modelo mais convencional de documentário, procurando estabelecer uma relação entre os descendentes de irlandeses de Manchester e a comunidade latina de Los Angeles. Sem alguma vez ouvirmos uma canção da banda, exceto o “This Charming Man” já no genérico final, Jones entrevista uma série de fãs dos The Smiths, dissertando-se sobre a importância catártica da música pop, até, mais especificamente, a ambiguidade sexual das canções da banda e do próprio Morrissey, assim como das suas visões políticas idiossincráticas, para dizer o mínimo. “É possível apreciar-se a arte sem se apreciar o seu criador?”, é a questão para a qual caminha o documentário no seu final.

A idade adulta de G é aquela de um artista a tentar singrar numa Los Angeles já para si irreconhecível, tomada pela gentrificação que gradualmente descaracteriza os seus bairros e comunidades migrantes e queer – atirando-as para as margens –, e vê o desaparecimento de lojas, bares e clubes de sexo. Já a trabalhar para uma grande produtora de filmes pornográficos, onde é convidado a realizar o seu primeiro filme, G descobre *online* imagens de videovigilância tomadas pela polícia de Mansfield, no Ohio, em 1962, onde esta havia montado uma câmara oculta atrás do espelho de uma casa de banho pública do centro da cidade, filmando os homens que aí entravam para fazer sexo¹². O projeto de G de fazer uma ficção a partir destas imagens explícitas não se concretizou, mas William E. Jones agarrou neste arquivo e fez dele uma das suas obras mais emblemáticas e exibidas, o *Tearoom* (1962-2007). Fazendo uso destas imagens no seu estado mais bruto, Jones propõe-nos um exercício de máxima subversão, ao voltar o espelho para estes agentes da autoridade que filmam homens a foder. Aos poucos, o nosso olhar é o desses agentes que focam os rostos em êxtase ou os pénis eretos destes anónimos. O nosso olhar é o olhar queer, carregado de desejo, de quem está atrás do espelho. É este o olhar de Jones, um olhar queer sobre os sistemas de repressão e vigilância, sobre as estruturas do capitalismo e do poder. E um olhar sobre um passado com uma promessa de futuro, que nunca se concretizou. Um cinema de todas as utopias desfeitas.

⁸Ibidem, p.66

⁹William E. Jones, “Halsted Plays Himself: Expanded Edition”. Los Angeles: Semiotext(e), 2011

¹⁰Ibidem, “I Should Have Known Better”, p.45

¹¹Ibidem, p.46

¹²Ibidem, p.51

¹³Ibidem, p.98

¹⁴William E. Jones, “I Didn’t See It Coming”. Los Angeles: We Heard You Like Books, 2023, p.131

Retrospectiva William E. Jones

Sábado 21 setembro • Sala M. Félix Ribeiro, 21h30

More British Sounds

Imagens do filme *The British Are Coming* (James Ryder, 1986) colidem com diálogos do filme *See You at Mao*, também conhecido como *British Sounds* (1969), produzido pelo Groupe Dziga Vertov, sob a direção de Jean-Luc Godard. “Os trabalhadores têm demasiadas expectativas”, explica um narrador, enquanto um rapaz inglês, nu, engraxa as botas de um guarda real em farda completa.

William E. Jones (EUA, 2006, 8') • Curta Exp. VO inglesa, leg. em português. M/16

Film Montages (for Peter Roehr)

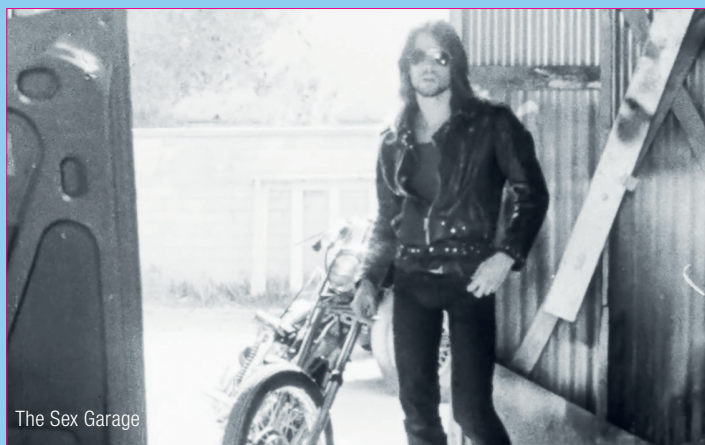
Homenagem a um grande artista da década de 1960, o filme toma a repetição simples como princípio essencial. Fragmentos de filmes pornográficos gay são montados numa composição musical, simultaneamente austera e delirante.

William E. Jones (EUA, 2006, 11') • Curta Exp. VO inglesa, leg. em português. M/16

Finished

O narrador descreve em como a sua obsessão por um modelo pornográfico gay de um anúncio de sexo telefónico, o conduz a um novo projeto; uma elegia a um homem complexo e problemático, de nome Alain Lebeau. *Finished* é uma história de detetives e uma história de amor, um filme *noir* banhado pela luz do sol. Um filme de contradições: pornográfico, embora casto; distante, embora hipnótico.

William E. Jones (EUA, 1997, 75') • Doc. Exp. VO inglesa, leg. em português. M/16



Segunda-feira 23 setembro • Sala M. Félix Ribeiro, 21h30

Fall into Ruin

Alexander Iolas (1907-1987) foi um *marchand* de arte grego, de Alexandria, em atividade desde meados da década de 1950 a meados da década de 1980. Tinha ligação com os surrealistas, com artistas associados ao Nouveau réalisme e com artistas norte-americanos, tendo montado galerias em Nova Iorque, Paris, Madrid, Genebra, Milão e Atenas. Após a sua morte por complicações de sida, em 1987, a coleção de arte da sua casa desapareceu, e o imóvel vazio foi repetidamente vandalizado. William E. Jones regressou ao local para nos mostrar as imagens das ruínas, assim como as fotografias que tirou da casa de Iolas em todo o seu esplendor, em 1982.

William E. Jones (EUA, 2017, 30') • Doc. Curto. VO inglesa, leg. em português. M/16

Youngstown / Steel Town

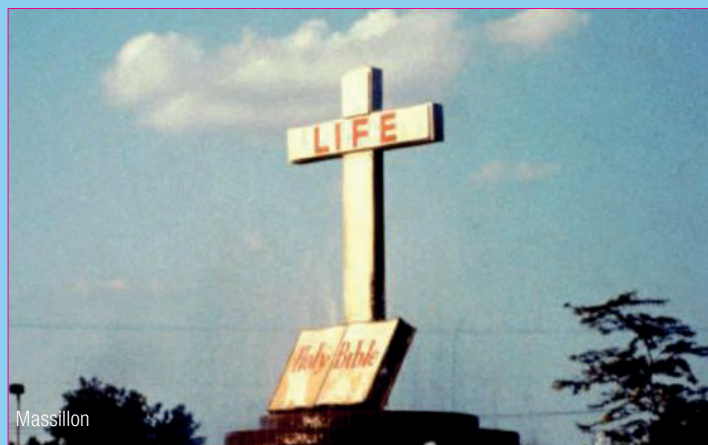
A evolução de uma cidade do Ohio é examinada nesta projeção em duplo ecrã. O filme de propaganda de 1944, “Steel Town”, que mostra a florescente indústria siderúrgica de Youngstown durante a guerra, é reproduzido ao lado de imagens contemporâneas das agora silenciosas ruas vazias e edifícios abandonados da cidade, sublinhando a realidade sombria desta cidade pós-industrial.

William E. Jones (EUA, 2016, 6') • Curta Exp. VO inglesa, leg. em português. M/16

Massillon

William E. Jones regressa à sua cidade natal para construir uma autobiografia. Desafiando algumas das noções mais firmemente arraigadas do cinema, o filme conta a sua história sem um único ator, combinando evocativas imagens com uma sedutora voz *off*.

William E. Jones (EUA, 1991, 70') • Doc. VO inglesa, leg. em português. M/16



Retrospectiva William E. Jones

Terça-feira 24 setembro • Sala M. Félix Ribeiro, 21h30

Killed

Durante a Grande Depressão, o departamento histórico da Farm Security Administration documentou a sociedade americana em fotografias. Milhares de imagens tiradas sob os auspícios do programa, entre 1935 e 1943, foram rejeitadas, ou eliminadas, perfurando-se os negativos de 35 mm, inutilizando-os para publicação. Algumas dessas imagens suprimidas, descarregadas do site da Biblioteca do Congresso, são agora recuperadas dando centralidade aos seus furos, e editadas numa rápida montagem que nos revela vislumbres de uma visão não-oficial da América do Norte daqueles anos.

William E. Jones (EUA, 2009, 2') • Curta Exp. S/ diálogos. M/16

Shoot Don't Shoot

Adaptação de um filme de instrução das forças policiais, segundo o qual os agentes são treinados para decidir instintivamente se devem ou não premir o gatilho. O suspeito retratado nesta sequência enquadra-se na seguinte descrição: "um homem negro vestido de camisa rosa e calça amarela".

William E. Jones (EUA, 2012, 5') • Curta Exp. VO inglesa, leg. em português. M/16

Tearoom

No verão de 1962, o Departamento de Polícia de Mansfield, no Ohio, registou vários homens numa casa de banho pública, sob a praça central da cidade. Os operadores de câmara esconderam-se num armário e observaram as atividades clandestinas através de um espelho de dupla face. O filme foi usado em tribunal como prova contra os arguidos, todos eles condenados por sodomia, que na época contemplava uma sentença mínima efetiva de um ano na prisão estatal.

William E. Jones (EUA, 1962-2007, 56') • Doc. S/ diálogos. M/18

Quarta-feira 25 setembro • Sala M. Félix Ribeiro, 21h30

Discrepancy

A banda sonora do filme, lida voz computadorizada Alex, é uma adaptação do filme *Traité de bave et d'éternité* (1951), de Isidore Isou. O filme é o manifesto de 'cinema discrepante' de Isou. O princípio fundamental do cinema discrepante é o de privilegiar a narração escrita, em detrimento da imagem. Não há tentativa alguma de ilustrar o texto. A relação entre som e imagem pode e deve ser tão arbitrária e opaca quanto possível.

William E. Jones (EUA, 2017, 10') • Curta Exp. VO inglesa, leg. em português. M/16

All Male Mash Up

Arquivos marginais da indústria pornográfica gay que nos revelam paisagens urbanas de um passado recente, cenas de diálogos encantadoramente inúteis, e planos de detalhe de atores, muitos deles já falecidos. Este material, embora sem uso comercial específico, pode ser visto como um documento inestimável de um mundo perdido de erotismo e sociabilidade.

William E. Jones (EUA, 2006, 30') • Curta Exp. VO inglesa, s/ legendas. M/16

V.O.

Excertos de som de filmes clássicos (de Jean Renoir, Werner Schroeter, Luis Buñuel, Aki Kaurismäki e Manoel de Oliveira, entre outros) sobrepõem-se a imagens de filmes pornográficos gay produzidos antes de 1985, de acordo com decisões de montagem baseadas na duração dos segmentos, e não no seu conteúdo. A combinação sugere um novo espaço narrativo e presta homenagem a uma era passada da vida gay e à cinefilia.

William E. Jones (EUA, 2006, 59') • Exp. VO inglesa, finlandesa, francesa, alemã, portuguesa e espanhola, leg. em inglês e português.



Is It Really So Strange?



All Male Mash Up



Finished



A Great Way of Life

Retrospectiva William E. Jones

Quinta-feira 26 setembro • Sala M. Félix Ribeiro, 21h30

The Fall of Communism as Seen in Gay Pornography

Imagens de vídeos gay para adultos produzidos na Europa de Leste após a introdução do capitalismo. O vídeo mostra jovens rapazes que reagem às pressões de um mundo desconhecido, onde dinheiro, poder e sexo estão agora de mãos dadas.

William E. Jones (EUA, 1998, 19') • Curta Exp. VO inglesa, leg. em português. M/16

Actual T.V. Picture

Uma justaposição de imagens de uma selva no Vietname bombardeada por um avião de guerra norte-americano, com um anúncio televisivo de finais da década de 1960 que mostra os avanços recentes nos pequenos transístores. Esta tecnologia possibilitou consideráveis melhorias em bens de consumo como os televisores, mas a sua origem esteve na indústria bélica.

William E. Jones (EUA, 2013, 7') • Curta Exp. S/ diálogos. M/16

Psychic Driving

Psychic Driving trata dos testes experimentais com drogas alucinógenas e doses massivas de eletrochoques administradas a indivíduos, sem o seu consentimento. O psiquiatra responsável tratava os pacientes com o objetivo de desfazer as suas personalidades deprimidas, para depois as reconstituir. O financiamento vinha da CIA. Uma das pacientes, a esposa de um membro do Parlamento canadiano, relata os factos numa entrevista.

William E. Jones (EUA, 2014, 14') • Curta Exp. VO inglesa, leg. em português. M/16

Model Workers

Uma coleção de notas de dinheiro, com imagens de trabalhadores de África, das Américas, da Ásia e da Europa. A montagem inclui as colónias e os países independentes em que se tornaram, bem como antigos e atuais estados socialistas. Pormenores intrincadamente gravados, são organizados por ordem cronológica; a visualização completa de cada nota aparece em ordem cronológica inversa, terminando no início: México, 1914.

William E. Jones (EUA, 2014, 13') • Curta Exp. S/ diálogos. M/16

A Great Way of Life

Uma amálgama de imagens da máquina de guerra imperialista com sons da economia de consumo, justapondo a Guerra do Vietname, durante o final dos anos 1960, com anúncios televisivos norte-americanos, da mesma época. A publicidade domina o espectador com apelos ao consumo de produtos que acumulam o uso militar com o doméstico: borrafe as pragas do jardim com inseticida, deixe a sua roupa mais branca com lixívia, e pense em índios e cowboys enquanto o faz.

William E. Jones (EUA, 2015, 7') • Curta Exp. VO inglesa, leg. em português. M/16

Sexta-feira 27 setembro • Sala M. Félix Ribeiro, 21h30

Carte Blanche a William E. Jones

2/60: 48 Heads from the Szondi-Test

Em 1935, o psiquiatra e psicanalista húngaro Léopold Szondi, criou um teste de personalidade para “diagnóstico experimental de impulsos humanos” que consistia em 48 fotografias. Ao escolher as duas imagens mais atrativas e as duas menos atrativas, o teste determinava se a pessoa analisada era: homossexual, sádica, epilética, histérica, catatónica, paranoica, depressiva ou maníaca. Recortados segundo uma técnica de sequência estritamente serial, em vários tamanhos de moldura, os 48 retratos do teste são aqui mostrados em durações pré-especificadas (entre um e oito frames).

Kurt Kren (Áustria, 1960, 4') • Curta Exp. S/ diálogos. M/16

Racine - I (1992 - 1999)

“Desde que comecei a trabalhar com película em 16mm, coloquei todas as pontas não utilizadas de filme numa caixa. Esta caixa ficou cheia no verão de 2000, e foi então que comecei a desenvolver a estrutura dos filmes da série *Racine*, colando as películas pela ordem em que foram sendo aleatoriamente retiradas da caixa”. (D.B.)

Dietmar Brehm (Áustria, 2002, 8') • Curta Exp. S/ diálogos. M/16

Jellyfish Sandwich

Por que és tão estúpido... e o que é que estás a tentar dizer. Tive um sonho horrível em que um grande grande elefante caminhava sobre um pedaço de bolo e caía nele como areia movediça e desaparecia, tudo o que restou foi um grande e mole lóbulo de orelha cinza. Alguém com uma cabeça pequena e um corpo minúsculo colocou um bilhete nele que também se afundou no bolo. Lembro-me de correr de cabeça para baixo, prendendo todo o meu corpo contra um ecrã de tecido. Conseguia ouvir músicas prateadas de vermelho, branco e azul e um qualquer rapaz passou ao lado com um belo de um cu usando uns slíps cor de pele. Puxei-os para baixo e o seu rabo estava roxo. Metade da rua em que eu me encontrava explodiu. Os pássaros no céu faziam sons como dores de barriga e penas caíam com força no topo da minha cabeça. Cerrei os olhos por um segundo mas nada mudou. Muita gente teve festa no mesmo dia...

Luther Price (EUA, 1994, 17') • Curta Exp. S/ diálogos. M/16

The Sex Garage

Uma tarde passada numa garagem com três belos rapazes e uma moto.

Fred Halsted (EUA, 1972, 35') • Curta Fic. S/ diálogos. M/18

Sábado 28 setembro • Sala M. Félix Ribeiro, 21h30

Is It Really so Strange?

No papel do vaidoso, sexualmente ambíguo e brilhante cantor/compositor da lendária banda The Smiths, Morrissey trouxe inteligência, sagacidade e mistério à música pop, permanecendo ainda incomparável na sua capacidade de fazer homens adultos chorarem. Construindo uma ligação entre a experiência étnica irlandesa da classe trabalhadora, criada em Manchester, dos The Smiths, com aquela dos filhos e filhas de imigrantes mexicanos em Los Angeles, William E. Jones entrevista fãs fanáticos do grupo: jovens latinos do leste de Los Angeles em meados da primeira década dos anos 2000.

William E. Jones (EUA, 2004, 80')

Doc. VO inglesa e espanhola, leg. em português. M/16

Debates

Gentrificação e Populações LGBTQI+

Debate com Rita Paulos (Casa Qui) e Helder Bértolo (Opus Diversidades), com moderação de Constança Carvalho Homem

Portugal, anos 20 do século XXI: europeu na mentalidade ambicionada, subdesenvolvido tendo em conta a dependência do turismo e a servil transformação das suas grandes cidades, que hoje estimam sobretudo visitantes e habitantes temporários. O Queer Lisboa quis inequivocamente juntar-se à reflexão sobre os processos de gentrificação que tomaram de assalto os centros urbanos da linha costeira do país. Que desafios específicos e acrescidos se colocam às pessoas LGBTQI+ neste contexto? Ainda podem estudar, trabalhar, viver, envelhecer nas cidades que desejaram como abrigo? Estão mais perto do limiar da pobreza, em maior risco de exclusão? E que respostas têm surgido dos movimentos associativos a nível local? Que ideia(s) de comunidade(s) pode(m) mitigar os problemas emergentes? Pelo extenso percurso ativista que construíram, convidámos Rita Paulos, da Casa Qui, e Helder Bértolo, da Opus Diversidades, para uma conversa o mais possível aberta, imaginativa e reivindicativa.

Sábado 21 setembro • Sala 2, 19h30

Resistência Queer

Debate com Bohdan Zhuk (Sunny Bunny LGBTQIA+ Film Festival, Ucrânia) e Dan Sokoli (Prishtina Queer Festival, Kosovo), com moderação de Daniel Pinheiro

A secção do Queer Focus deste ano do festival serve também enquanto plataforma crítica para dar a ver narrativas de resistência que não só celebram a resiliência e persistência criativa, mas procuram estimular a reflexão e o diálogo. Precedida por uma sessão de curtas que dão contexto a uma reflexão mais ampla sobre liberdade, cria-se um espaço para poder analisar o conceito de “resistência queer”. Tal é o caso deste debate onde convidamos duas pessoas de dois festivais internacionais de cinema queer que viram as suas primeiras edições ter lugar em 2023. Dan Sokoli (Prishtina Queer Festival, Kosovo) e Bohdan Zhuk (Sunny Bunny LGBTQIA+ Film Festival, Ucrânia) ativam estes espaços de visibilidade em zonas onde é clara a sua necessidade. Através das suas perspetivas geográficas e curatoriais, procuramos dar acesso a um pensamento sobre modos de produção, organização e expressão em determinados contextos políticos e investigar onde se situa o fazer artístico, em função de pensar uma sociedade mais justa e mais igual, nomeadamente através do Cinema Queer.

Quinta-feira 26 setembro • Sala 2, 19h30

Agora Somos Nós

Debate entre Joana Mortágua e Hilda de Paulo, com moderação de Maira Freitas

No mês de setembro, serão lançados três importantíssimos livros em Portugal: *Quem tem medo do género?*, de Judith Butler, pela Orfeu Negro; *Reflexões sobre a liberdade: identidades e famílias*, com a organização de Joana Mortágua, Maria Castello Branco e Susana Peralta, pela Oficina do Livro/LeYa; e *Volta pra tua terra: não há abril sem imigrantes*, com a organização de Manuella Bezerra de Melo e Wladimir Vaz, pela Editora Urutau. Esta conversa não será especificamente sobre esses livros, mas sim sobre variados temas que transbordam deles, como direitos, representatividade e políticas públicas para a comunidade LGBTQIAPN+, identidade de género, direito à autonomia sobre o corpo, formação de um aporte teórico transfeminista em Portugal, inclusão e pertencimento, promovendo, dessa forma, contribuições cruciais como resposta ao enfadonho livro *Identidade e família: entre a consistência da tradição e as exigências da modernidade*, coordenado por Paulo Otero e outros e lançado no primeiro semestre deste ano.

Sexta-feira 27 setembro • Sala 2, 18h00

Performance

La Carn

Lluís Garau (60') • VO espanhola e inglesa, s/ leg. M/18

Criação e Interpretação: Lluís Garau; Direção de Arte: Pau Aulí; Assistente de Dramaturgia: Ferran Dordel; Fotografia: Alberto Melià

Ferran convenceu toda a gente de que ganha a vida como *gamer*, quando na realidade faz vídeos sexuais e chamadas vídeo na Chatroulette. O jovem protagonista viaja poeticamente com o seu corpo, na qual revela as suas feridas e a forma abstrata da sua loucura. A peça tem dois públicos, aquele presencial que vem pela curiosidade pelo espectáculo, e aquele da Chatroulette que está lá como voyeur. Revela-nos o fosso geracional tecnológico entre pais e filhos, e de como as pessoas jovens fazem uso destes recursos, por vezes contra si próprias, e também de como construímos a nossa identidade na internet. Um técnico, um encenador, um intérprete, o seu criador. Ao ritmo de Daddy Yankee e Gustav Mahler, com a visão de Caravaggio e Velázquez, a conversa nua de Jefta van Dinther e sempre o olhar dos filmes de Ulrich Seidl, particularmente o *Na Cave*, *La Carn* é uma janela para a intimidade de um jovem que põe um preço no seu próprio corpo.

Quinta-feira 26 setembro • Casa do Comum, 21h30



Palavras que me Servem

André Tecedeiro e Laura Falésia (90') • VO portuguesa, s/ leg. M/ 12

“Decidem-nos menino ou menina por muito pouco: uma fresta, uma bolota.”

André Tecedeiro

Um casal queer revisita experiências pessoais e memórias de infância e fala de um tempo em que lhe faltava linguagem para comunicar as suas identidades, emoções e desejos. Uma partilha intimista com o público sobre como, mesmo com as palavras conquistadas, as expectativas sociais continuam a moldar as nossas existências.

Sábado 28 setembro • Sala 2, 18h00



Exposição

Queer Spectrum

Dana Click

Através da perspetiva única da fotografia analógica em 35mm, Queer Spectrum explora as diversas e expansivas paisagens da identidade queer e experiência vivida. Este projeto abraça as ricas complexidades encontradas em várias interseções, incluindo idade, raça, religião, vocação, identidade de género, saúde, imigração e mais. Cada fotografia capta pessoas no seu estado mais natural, livres de sobreprodução ou poses, revelando momentos genuínos de expressão natural. A exposição visa uma representação autêntica das diversas histórias da comunidade LGBTQ+. Originária do Bronx, Nova Iorque, Dana Click é fotógrafa, residente em Portugal, com uma paixão pela fotografia analógica em película. O seu trabalho vai do retrato à fotografia de rua, captando a beleza e humanidade do quotidiano de pessoas e lugares. Enquanto pessoa queer e não-binária, Dana impregna o seu trabalho de empatia e ativismo, focando-se em desafiar as iniquidades na cultura e nos sistemas. Em 2020, o seu projeto Black Lives Matter foi exposto em Times Square com ZAZ10. O seu trabalho tem sido exposto a solo e em exposições coletivas nos EUA e Portugal. Comprometida à diversidade e à resiliência, as lentes de Dana convidam-nos a abraçar a natureza multifacetada da experiência humana.

Sexta-feira 20 a sábado 28 setembro
Foyer do Cinema São Jorge

Inauguração sábado 21, 18h00



Festas

Welcome Party

Entrada gratuita

Complexa e transversal a vários géneros, Alma é a criadora da @bimboheat e cocriadora da Popper. Nesta noite apresentará o seu arsenal mais característico repleto de bops, hyperpop e Jersey Club, sempre com uma pitada de hardstyle. Um combo de euforia e disforia para não parares all night long. See you on the dance floor.

Sábado 21 setembro
Purex Clube (Rua das Salgadeiras, 28), 22h30-03h00



Volunqueers Party

Entrada gratuita

Considerem-se convidades para uma aglomeração de volunqueers que, junto com a equipa do festival, assumem o controlo das colunas para esta noite. Para quem ainda não conhece a Casa do Comum, big spoiler: a pista de dança lembra a do antigo, mas memorável, 49.

Quinta-feira 26 setembro
Casa do Comum (Rua da Rosa, 285), 22h00-02h00

Farewell Party

Preço: 8€ + 3€ sócias

Este ano a despedida acontece num cenário familiar, carregado de energias industriais, ao longo de um percurso sonoro ao cargo de três djs. Um curto brevíário do que esperar: de Desesperzo, hyperpop pós-apocalíptico e reggaeton eletrónico (incluindo jingles do Pingo Doce); de lian:e, cruzamentos entre funk, dem-bow ou guaracha e techno house com forte influência da música urbana latina; e de Yizhaq, disco house, e mais além, com muitos vogue beats para eletrificar a pista. Junta-te a nós para “expurgar as bad vibes de 2024 e work it out on the remix”.

Sábado 28 setembro
Arroz Estúdios (Av. Infante D. Henrique), 00h00-05h00

QUEER LISBOA 28 - FESTIVAL INTERNACIONAL DE CINEMA QUEER
20-28.09.2024 | Cinema São Jorge & Cinemateca Portuguesa

Calendário de Sessões | Screening Timetable

	Sexta 20 Friday	Sábado 21 Saturday	Domingo 22 Sunday	Segunda 23 Monday	Terça 24 Tuesday	Quarta 25 Wednesday	Quinta 26 Thursday	Sexta 27 Friday	Sábado 28 Saturday
CINEMA SÃO JORGE - SALA MANOEL DE OLIVEIRA									
16h00		Baby	Frammenti di un Percorso Amaro			Stress Positions	La Pampa	Parque de Diversões	Onda Nova
19h00		Drift	Stress Positions	Viet and Nam	Teaches of Peaches	All Shall Be Well	Asog	Close to You	
21h00	Noite de Abertura								Noite de Encerramento
22h00	Baby	La Pampa	Hidden Master; the Legacy of George Platt Lynes	Light Light Light	El Placer Es Mío	The Visitor	Parque de Diversões	I Saw the TV Glow	Call Me Agnes
CINEMA SÃO JORGE - SALA 3									
15h30		Et dans le flux, tu le perdras	Eros	Embodied Chorus	Alteritats	Embodied Chorus	In My Shorts 1	In My Shorts 2	Avant-Drag!
18h30		Cyborg Generation	Curtas 1	Curtas 2	Curtas 3	Curtas 4	Sylvia Robyn	The People's Joker	Baldija - Unlocked Heart
21h30		Sofia Foi	Of Living without Illusion	La photo retrouvée	Trans Memoria	Neirud	Avant-Drag!	Sem Coração	
CINEMA SÃO JORGE - SALA 2									
18h00		Éviction	Cinema Política Shorts	Fairy Garden	Ukrainian Shorts	Overcoming	Queer Resistance Shorts	Agora Somos Nós	Palavras que me Servem
19h30		Gentificação e População LGBTQI+					Resistência Queer		
22h30								Lazare Lazarus	
CINEMATECA PORTUGUESA - SALA M. FÉLIX RIBEIRO									
21h30		More British Sounds + Film Montages (for Peter Roehr) + Finished		Fall into Ruin + Youngstown / Steel Town + Massillon	Killed + Shoot Don't Shoot + Tearoom	Discrepancy + All Male Mash Up + V.O.	The Fall... + Actual... + Psychic Driving + Model Workers + A Great...	2/60: 48 Heads... + Racine + Jellyfish Sandwich + Sex Garage	Is It Really so Strange?
PUREX CLUB									
		Welcome Party 22h30-03h00							ARROZ ESTÚDIOS Farewell Party 00h00-05h00
CASA DO COMUM									
					La Carn 21h30				
									Volunqueros Party 22h00-02h00

- Competição Longas-Metragens ■ Competição Documentários ■ Competição Curtas-Metragens ■ Competição In My Shorts
- Competição Queer Art ■ Sessões Especiais ■ Panoramas ■ Queer Focus ■ Hard Night ■ Retrospectiva ■ Debates ■ Festas ■ Performances

THE LATE *birds*
GAY URBAN RESORT LISBON

